



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

WILLIAM DE OLIVEIRA TOGNOLO

***A TIRO DE MARTELO! – ESTUDO DE ANÚNCIOS DE
LEILÕES DE LIVROS NO *CORREIO MERCANTIL* (1848-
1868)***

CAMPINAS
2015

William de Oliveira Tognolo

***A tiro de martelo! – estudo de anúncios de leilões de livros no
Correio Mercantil (1848-1868)***

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de
Campinas, como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciado em Letras – Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Azevedo de Abreu

CAMPINAS
2015

*A minha família, por ser a base
A Paola, por ser minha vida*

Agradecimentos

À minha família, todos eles são imprescindíveis na minha vida. Agradeço também a Paola Guarnieri, por estar presente nos momentos felizes e também nos tristes, seu companheirismo e seu apoio foram fundamentais para eu chegar até aqui.

Agradeço também a todos os membros do projeto temático “A Circulação Transatlântica de Impressos”, vocês me ajudaram e me ajudam muito a desenvolver este projeto aqui apresentado.

De forma especial quero agradecer ao Leandro Almeida e ao Alexandro Paixão por terem aceitado o convite de participarem da minha banca e auxiliarem de forma punjente a pensar o meu projeto de pesquisa passado, presente e futuro.

Agradeço imensamente à professora Márcia Abreu. Sua paciência, seus conselhos, suas aulas, suas correções de trabalhos e suas palestras foram imprescindíveis tanto para a realização desta monografia quanto para o bom andamento de minha carreira acadêmica que, espero, esteja só começando.

Ao CNPq por ter financiado minhas pesquisas por dois anos, através da plataforma PIBIC-Unicamp.

Resumo

A presente monografia, vinculada ao projeto temático “A Circulação Transatlântica de Impressos – A globalização da cultura no século XIX”, traz um estudo sobre anúncios de leilão de livros publicados *Correio Mercantil*, jornal que circulou no Rio de Janeiro entre 1848 e 1868. Apresenta-se esta forma de compra e venda de impressos, as estratégias publicitárias empregadas pelos pregoeiros e a presença de romances entre os títulos leiloados. Ademais, analisa-se o perfil socioeconômico dos proprietários de obras vendidas em hasta pública e os principais motivos que os levaram a desfazer-se de seus livros. O propósito desta monografia é dar a conhecer uma forma pouco estudada de comércio livreiro, refletir sobre a posse de livros na cidade e discutir o lugar social dos romances na capital imperial em meados do século XIX.

Palavras-chave – leilão de livros, comércio livreiro, posse de livros, romance, século XIX, Rio de Janeiro.

Abstract

This monograph, linked to the project “The transatlantic circulation of printed matter: the globalization of culture in the 19th century”, brings a study about advertisements of auctions of books published in *Correio Mercantil*, newspaper which circulated in Rio de Janeiro between 1848 and 1868. It discourses about this kind of purchase and sale of printed, the advertising strategy used by auctioneers and the presence of novels among the auctioned items. Furthermore, it analyzes the socioeconomic profile of the owners who sold their items in auctions and the main reasons that led them to sell their books. The purpose of this monograph is bring light to an underexplored way of book trade, reflect about the ownership of books in the city and discuss about the social place of novels readers in the imperial capital in the mid-nineteenth century.

Keywords: auction of books, book trade, ownership of books, novel, nineteenth century, Rio de Janeiro

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1. O <i>Correio Mercantil</i> e os anúncios de leilões de livros.	7
1.1. – Informações relativas ao <i>Correio Mercantil</i> e aos anúncios de leilões de livros presentes no jornal.	7
1.2. – As obras anunciadas em leilão: temas, línguas, títulos e autores.	14
Capítulo 2. Os leiloeiros e a composição dos anúncios.....	21
2.1.– Os leiloeiros.	21
2.1.– A composição dos anúncios.....	26
Capítulo 3. Os proprietários dos livros anunciados em leilão.	31
Capítulo 4. Os romances anunciados em leilão no <i>Correio Mercantil</i>	36
Conclusão	45
Referências Bibliográficas.....	48
Referências Digitais.....	51

Introdução

Antoine Compagnon em sua aula inaugural no *Collège de France* expõe logo no início de sua palestra duas tradições distintas no modo de abordar a literatura que se mostraram particularmente presentes na França desde o século XIX até os dias atuais:

A tradição teórica considera a literatura como *una e própria*, presença imediata, valor eterno e universal; a tradição histórica encara a obra como *outro*, na distância de seu tempo e de seu lugar. Em termos de hoje e de ontem, falar-se-á de *sincronia* (ver as obras do passado como se elas nos fossem contemporâneas) e de *diacronia* (ver ou tentar ver as obras como o público ao qual elas foram destinadas) (...) [grifos do autor]¹.

As duas tradições ganharam adeptos e desdobramentos nesses duzentos anos mencionados pelo autor. Adotando como perspectiva teórica a vertente histórica vemos nascer no final do século XX uma nova forma de abordar a literatura:

Historiadores formados na escola dos *Annales* começaram, há relativamente pouco tempo, a implementar o programa de Lanson e Febvre. Eles se interessaram mais de perto pelo livro e pela leitura, reunindo estatísticas sobre tiragens, sobre as reedições, sobre o tempo de vida das obras, sobre a volta das mesmas ao mercado. Empenharam-se em conhecer e descrever os leitores reais com base em índices materiais, como catálogos de bibliotecas ou inventários *post-mortem*. [...] O livro se tornou assim o objeto de uma história em série, econômica e social, amplamente quantificada, principalmente em relação ao *Ancien Régime*, mas também em relação ao século XIX.”²

Tal perspectiva propõe um olhar diacrônico aos Estudos Literários, servindo como uma alternativa a perspectivas teóricas que tomam seus objetos de análise de forma sincrônica, descartando fatores históricos e contextuais relacionados à obra literária, focando apenas numa *literariedade* que seria encontrada interna ao texto³. Tais inovações nascidas da confluência entre diversas áreas do saber - a história, a literatura, a sociologia e a biblioteconomia - produziram uma nova forma de investigar a produção escrita e a leitura, conhecida como História do Livro e da Leitura.

¹ COMPAGNON, 2009, p.15.

² COMPAGNON, 2001, p. 205.

³ A esse respeito, conferir: COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2006.

Na Europa, principalmente na França, essa nova perspectiva teórica ganhou destaque nos estudos de pesquisadores como Robert Darnton⁴, Roger Chartier⁵ e Jean-Yves Mollier⁶. Ainda na década de oitenta do século XX a História do Livro e da Leitura logrou um importante estudo no Brasil com a obra *O Livro no Brasil*⁷, escrito por Laurence Hallewell. Seguindo a via de pesquisa de Hallewell, outros trabalhos foram sendo escritos com o intuito de recontar a história do livro no Brasil, ganhando destaque *A formação da leitura no Brasil* de Regina Zilberman e Marisa Lajolo⁸, bem como duas coletâneas, *Leituras no Brasil*⁹ e *Leitura, História e História da Leitura*¹⁰, e o livro *Os caminhos dos livros*¹¹, os dois primeiros organizados e o último redigido por Márcia Abreu.

Um dos intentos da História do Livro e da Leitura é o de se aprofundar no estudo da literatura do passado a partir de novos agentes e indagações. Para analisar essa literatura de outrora é necessário colocar em pauta personagens que antes eram pouco relevantes na história literária e novos pontos de análise, como pontua Márcia Abreu:

a história da literatura deveria se preocupar em identificar quais são as convenções no interior das quais determinada obra foi produzida; identificar o que se considerava como parâmetro de excelência em certa época; verificar quais são os diálogos estabelecidos por determinada obra com outras de seu tempo, a fim de produzir uma análise literária o menos anacrônica possível. Interessa também conhecer e entender as obras de maior difusão social tanto para compreender o gosto dos leitores comuns, como para identificar os livros com os quais os escritores da época negociavam ou com os quais disputavam espaço. Importa perceber a multiplicidade de interesses e gostos numa época, não apenas porque os letrados e os leitores comuns tendem a divergir, mas também porque há cisões no interior do próprio corpo de letrados e de leitores comuns. Finalmente, a análise dos textos deveria considerar o que a história cultural vem discutindo há décadas: a materialidade dos impressos, suas formas de produção e circulação, entendendo que esses são elementos que afetam a constituição dos sentidos que se atribuem aos textos. Ou seja,

⁴ DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1986.

⁵ CHARTIER, Roger. *Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Regime*. Paris: Editions du Seuil, 1987.

⁶ MOLLIER, Jean-Yves. *L'argent et les lettres: histoire du capitalisme d'édition, 1880-1920*. Paris: Fayard, 1988.

⁷ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: (sua história)*. São Paulo, SP: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985.

⁸ ZILBERMAN, Regina LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo, SP: Ática, 1996.

⁹ ABREU, Márcia (org.). *Leituras no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

¹⁰ ABREU, Márcia (org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2000.

¹¹ ABREU, Márcia. *Os Caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2003.

escrever uma história menos monolítica, parcial e anacrônica do que a história literária tradicional.¹²

Pesquisas recentes no campo dos Estudos Literários, alinhadas com a História do Livro e da Leitura, analisam a literatura nos contextos de produção, circulação e discussões críticas próprias ao período do objeto literário. Tais estudos trouxeram à baila personagens importantes dantes esquecidos, como é o caso do escritor Teixeira e Sousa¹³, bem como novas perspectivas sobre a recepção crítica de autores conhecidos das histórias literárias, por exemplo, Joaquim Manuel de Macedo¹⁴ ou até mesmo ressignificando a importância de formas textuais por vezes pouco citadas, tais como o romance folhetim¹⁵. Além dessas contribuições, saber quais eram os textos disponíveis às pessoas em determinado período e lugar é fundamental para entender as preferências dos leitores e os diálogos entre as obras. A tarefa de alargar o *corpus* literário considerado passa definitivamente pela identificação dos textos em circulação. Os anúncios de venda de livros e os catálogos de livreiros são indícios preciosos para averiguar quais obras estavam em circulação em determinada época, bem como quem eram os principais anunciantes e como eram feitas as descrições das obras visando atrair os compradores.

Márcia Abreu, na introdução do livro *Trajatórias do romance*, ao indicar os laços conceituais que unem os artigos ali publicados, pontua:

Acreditamos que uma adequada compreensão da época, assim como uma acurada leitura dos romances setecentistas e oitocentistas, deve passar pelo conhecimento dos livros em circulação no período, tenham eles sido ou não canonizados posteriormente.¹⁶

Compactuando com a citação, admitimos também que a análise detalhada da circulação de impressos propicia uma visão histórica e literária fundamental para compreendermos o período. Conhecer os impressos em circulação, as críticas a esses

¹² ABREU, 2014, p.43.

¹³ Cf. SILVA, Hebe Cristina da. *Prelúdio do romance brasileiro - Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais*. Tese de Doutorado em Teoria e História Literária Universidade Estadual de Campinas, 2009.

_____. Teixeira e Sousa – a trajetória de um romancista brasileiro em busca de consagração. In: ABREU, Márcia. (Org.) *Trajatórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p.523-546.

¹⁴ Cf. ALMEIDA, Leandro Thomaz de. Recepção crítica da prosa ficcional de Joaquim Manuel de Macedo. In: ABREU, Márcia. (Org.) *Trajatórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p.375-392.

¹⁵ HEINEBERG, Ilana. Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajatórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

¹⁶ ABREU, 2008, p.15.

exemplares, a recepção a essas obras por partes dos leitores e os agentes responsáveis pela edição e distribuição dos livros pela perspectiva diacrônica nos permite focalizar os diálogos, interesses de público, expectativa de leitores, dispersão de ideias, concepções de literatura que são essenciais para os saberes livrescos acerca de quaisquer períodos históricos grafocêntricos.

Dentre as várias possibilidades de investigações científicas propiciadas pela abordagem da História do Livro e da Leitura, uma delas é analisar as obras em circulação em determinado período e lugar. Por intermédio de jornais, revistas, gabinetes de leitura, catálogos de livreiros, cartas, listas de censores etc., podemos ter acesso a uma gama de informações que interessam de perto aos estudos em Literatura, História Social ou Sociologia, tais como: quais impressos estavam à disposição das pessoas em determinada época; qual era o público leitor em determinada região, país ou continente; como os livros chegavam às mãos dos leitores; que tipo de leitura praticada em determinada época e local; como se dava a circulação de ideias vinculadas aos impressos e em quais regiões etc.

A história literária tradicional costuma entender a literatura como algo próprio apenas ao mundo das ideias, desconsiderando os aspectos materiais relativos à produção, consumo e recepção dos livros, que servem de suporte aos escritos literários. Entretanto, eles faziam (e fazem) parte de um movimentado mercado, que articulava pessoas, empresas e publicações de diversas partes do mundo. O estudo das formas pelas quais as obras literárias circulavam na sociedade e das maneiras por meio das quais os leitores tinham acesso a elas permite compreender de modo mais complexo a história da literatura e da cultura.¹⁷

Esta monografia circunscreve-se a analisar uma atividade comercial relativamente comum no século XIX: os leilões de livros. Fonte ainda pouco estudada, até mesmo por pesquisadores ligados à História do Livro e da Leitura, as vendas de impressos em hasta pública podem ser mais uma opção para compreender as práticas culturais existentes na capital imperial, como nos indica Tânia Bessone¹⁸, bem como auxiliar a compor o complexo quadro do comércio livreiro carioca do século XIX. Infelizmente, restaram registros insuficientes sobre os livros efetivamente leiloados, seu preço e seus compradores. Mas os anúncios dos leilões veiculados na imprensa e, principalmente, as

¹⁷ Para uma discussão crítica sobre a história da literatura tradicional, ver ABREU (2008, 2013, 2014), CHARTIER (1997, 1998), COMPAGNON (2001, 2009), LYON-CAEN (2003), MOLLIER (2003), SOUZA (2007).

¹⁸ BESSONE, 1999, p.68.

estratégias empregadas pelos leiloeiros para propagandear os eventos conservam importantes informações a respeito desta prática, sobre o comércio livreiro e sobre as relações mantidas por alguns proprietários com seus livros. Visando captar dados relevantes sobre essas questões, decidimos analisar os anúncios de leilão de livros publicados no jornal *Correio Mercantil*, periódico que circulou em meados do século XIX no Rio de Janeiro e que, tendo em vista seus quase 21 anos de ininterrupta publicação diária, era um jornal de boa aceitação pelo público. Mais especificamente, voltamos nossa atenção para os anúncios que mencionavam a venda de romances, gênero em ascensão no século XIX e peça chave no mundo editorial tanto no Brasil quanto na Europa¹⁹. Visando delimitar e aprofundar nossa investigação sobre o objeto de estudo, aventamos alguns questionamentos que acreditamos serem importantes para a compreensão dessa forma de compra e venda de livros *a tiro de martelo*²⁰, a saber: qual a expressividade dos anúncios de leilões de livros em relação aos outros anúncios de leilões; quais os tipos de anúncios de leilões de livros; quem eram os principais leiloeiros que anunciaram leilões de livros e qual a importância do modo como os pregoeiros organizavam os anúncios de leilões; quais eram os motivos que propiciavam os anúncios de leilões de livros; qual era o perfil socioeconômico dos proprietários dos livros leiloados; havia a preferência por alguma língua entre os livros leiloados; havia predominância de algum escritor nos anúncios; quais eram os temas de livros anunciados; qual a expressividade dos romances nos anúncios de leilões de livros. Essas perguntas e suas respectivas respostas não visam servir como uma camisa de força à monografia, mas atuam como um norte inicial por intermédio do qual buscamos analisar nosso objeto.

Ainda em tempo, é fundamental explicar que esse estudo foi gestado no âmbito do projeto de cooperação internacional “A Circulação Transatlântica de Impressos – A globalização da cultura no século XIX” cuja

finalidade é conhecer os impressos e as ideias em circulação entre Inglaterra, Portugal e Brasil, no “longo século XIX” (1789-1914), identificando e analisando as práticas culturais inerentes aos processos de circulação dos impressos e ideias em escala transnacional. Seu interesse é, também, analisar as apropriações dessas ideias nos quatro países, por meio da observação dos escritos e das ações dos letrados,

¹⁹ ABREU, 2008.

²⁰ Expressão usada nos anúncios.

bem como das atividades de censores, editores, impressores e livreiros.²¹

Esse projeto maior foi de importância imprescindível para o bom andamento da investigação aqui exposta. As conclusões e discussões propostas interagem e se inserem com os diversos trabalhos transnacionais orquestrados pelo grupo e pretende, de forma tímida porém consistente, auxiliar a compor o quadro de conclusões e novas perspectivas aventadas pelo projeto, bem como servir de apoio a projetos vindouros que se atentem aos leilões de livros no século XIX ou a circulação de livros na capital imperial²².

A estrutura desta monografia foi pensada em forma de funil, ou seja, partindo de uma visada ampla sobre a prática dos leilões de livros, ir restringindo o foco de análise, investigando de modo mais apurado alguns pontos cruciais presentes nos anúncios de leilões de livros. No primeiro capítulo trataremos de explicar os leilões em si, de modo que fique explícito qual o nosso objeto de estudo e quais obras foram mais relevantes nos anúncios. No segundo capítulo nos atentaremos à figura do leiloeiro, cujo papel para entendermos os leilões de livros no *Correio Mercantil* mostrou-se fundamental. No terceiro capítulo apresenta-se uma análise do perfil socioeconômico dos proprietários de livros e a composição de seus acervos postos à venda em hasta pública. Já no quarto capítulo, investigamos mais detidamente os romances anunciados em leilão, os quais, por sua vez, tiveram presença manifestamente destacada em relação aos outros gêneros de escrita. Ao fim da monografia, desenvolve-se a conclusão dos questionamentos levantados²³.

²¹ ABREU, 2011, p.115.

²² Todas as informações sobre o projeto Circulação Transatlântica de Impressos podem ser encontradas no link <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=0&lang=pt>.

²³ Diversas passagens desta monografia foram extraídas do artigo *Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três. Vendido!* – um estudo sobre anúncios de leilões de livros no jornal *Correio Mercantil* (1848-1868) publicado na revista *Signótica* do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.

Capítulo 1. O *Correio Mercantil* e os anúncios de leilões de livros.

1.1 – Informações relativas ao *Correio Mercantil* e aos anúncios de leilões de livros presentes no jornal.

O *Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal*²⁴ foi um jornal que circulou no Rio de Janeiro entre dois de janeiro de 1848 e 15 de novembro de 1868. Tendo em vista que a maior parte dos jornais da época tinha circulação efêmera²⁵, percebe-se a importância desta publicação diária que se manteve em atividade durante 21 anos no disputado mercado de periódicos da capital imperial no século XIX. Propriedade de Alves Muniz Barreto e dirigido pelo seu genro Francisco Otaviano, o diário tinha como fato peculiar o alinhamento político expresso com os liberais. A literatura era um de seus atrativos, tendo tido como colaborador José de Alencar, importante literato da época que deu vida no jornal à seção de crônicas intitulada “Ao Correr da Pena”. Outro destacado homem de letras que divulgou escritos no periódico foi Manuel Antônio de Almeida, cuja obra *Memórias de um sargento de milícias* ilustrou semanalmente entre junho de 1852 e julho de 1853 a movimentada seção de folhetins do *Correio Mercantil*. Pela sua pungente presença durante 21 anos no Rio de Janeiro, bem como sua importância política e especialmente literária, o *Correio Mercantil* pode ser destacado, juntamente com o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Jornal do Comércio*, como um dos jornais mais importantes e conhecidos do século XIX na capital do império.

O *Correio Mercantil* continha normalmente, salvo alguns eventuais suplementos, quatro páginas com colunas verticais. Os textos eram divididos por seções, para possivelmente nortear os leitores que procuravam algum tema específico, sendo algumas delas: Variedades; Exterior; Notícias Várias; Anúncios; Leilões. A seção intitulada “Leilões” era reservada aos anúncios de leilões que estavam ocorrendo na cidade, na qual era possível encontrar os mais variados itens sendo leiloados, desde simples vasos, louças, alimentos, até mesmo terrenos, casas e chácaras. Essa seção nos

²⁴ Conhecido como *Correio Mercantil*.

²⁵ HEINEBERG, 2008, p.500.

despertou particular interesse, tanto por sua presença assídua, quanto pelo fato de haver livros dentre os itens à venda.

Desde a constatação da presença de impressos sendo anunciados em leilão nas páginas do *Correio Mercantil*, nossa intenção passou a ser o levantamento de todos os anúncios de leilões de livros e sua posterior análise. Para realizar tal intento recorremos à Hemeroteca Digital²⁶, que é um acervo digital da Biblioteca Nacional do Brasil no qual se encontram milhares de documentos, periódicos e imagens, tanto do século XIX quanto do século XX. O *Correio Mercantil* encontra-se, por sua vez, quase integralmente digitalizado na Hemeroteca Digital²⁷. Sendo assim, a nossa pesquisa inicialmente pautou-se em investigar, dia-a-dia, nos 21 anos de circulação do diário, quantos anúncios de pregões de livros foram propagandeados, de que forma, contendo quais informações e por quem.

Ao investigar integralmente todas as edições do periódico, percebe-se que a maioria dos dias continha a seção destinada aos “Leilões”. A rubrica acompanhou os 21 anos de existência do *Correio Mercantil*, o que indica, logo de saída, a presença marcante dessa forma de compra e venda de mercadorias diversas em meados do século XIX no Rio de Janeiro. Na Tabela 01, relaciona-se a quantidade de edições por ano, a quantidade de anúncios de leilões no geral e a quantidade de anúncios de leilões nos quais se pode encontrar livros:

Ano	Quantidade de edições que continham leilões em geral ²⁸ (entre parêntese total de edições do ano)	Quantidade de anúncio de leilões de livros (entre parêntese a porcentagem em relação ao total de anúncios de leilão)
1848	158 (354)	2 (1%)
1849	326 (354)	13 (4%)
1850	308 (321)	42 (14%)
1851	314 (324)	42 (13%)
1852	351 (362)	35 (10%)
1853	351 (354)	43 (12%)
1854	354 (358)	44 (12%)
1855	358 (359)	58 (16%)
1856	351 (358)	61 (17%)
1857	354 (357)	50 (14%)

²⁶ A Hemeroteca Digital pode ser acessada no link: hemerotecadigital.bn.br.

²⁷ Alguns poucos dias não constam na lista de edições concernentes ao *Correio Mercantil* digitalizadas pela Hemeroteca Digital. Não se sabe se eventualmente o jornal daquele dia não teve um de seus exemplares enviado à biblioteca, se foi uma edição perdida posteriormente ou se no dia em questão não houve distribuição do jornal por alguma eventualidade.

²⁸ Não foram contabilizadas as edições que não continham leilões, nem as edições ilegíveis, e também as edições não digitalizadas.

1858	344 (354)	42 (12%)
1859	349 (357)	45 (13%)
1860	339 (361)	38 (11%)
1861	325 (346)	28 (9%)
1862	318 (359)	22 (7%)
1863	313 (358)	28 (9%)
1864	311 (361)	22 (7%)
1865	306 (356)	18 (6%)
1866	297 (362)	17 (6%)
1867	290 (359)	16 (6%)
1868	183 (314)	8 (4%)

Tabela 01: Quantidades de edições e de anúncios de leilões ano a ano no jornal *Correio Mercantil* (1848-1868). Fonte: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868).

Percebe-se que a quantidade de anúncios de livros varia entre 1 e 17%, o que, à primeira vista, parece não denotar grande importância desse artigo no ramo do comércio leiloeiro, porém é difícil encontrar algum item que permaneça constante nos anúncios, salvo móveis, louças e imóveis, que aparecem com regularidade notável. Ora, se por um lado os livros não estão entre os itens com maior popularidade na atividade leiloeira, também não se pode afirmar que seja um artigo raro ou difícil de encontrar entre os anúncios, sendo possível afirmar até mesmo que mantêm uma aparição mediana nos anúncios de leilões, ou seja, os impressos não são destacados nos anúncios como imóveis, por exemplo, mas não são desprezados como outros itens tais como “carne avariada”. Os livros eram itens dos quais os leiloeiros se serviam constantemente para propagandear suas vendas em hasta pública.

Em números totais foram registrados 1101 anúncios de leilões de livros entre 1848 e 1868 no *Correio Mercantil*. No entanto, o mesmo pregão poderia ser propagandeado em várias edições do jornal, como por exemplo, o leilão de livros “de um gabinete de leitura desta corte e da livraria lusitana”, que foi anunciado respectivamente nos dias 02, 08, 16 e 28 do mês de maio no ano de 1856²⁹. Excluindo as repetições, temos 674 anúncios de leilões de livros diferentes entre si.

Em relação à forma dos anúncios de leilões de livros, nota-se que eles mantinham o mesmo padrão de propagandas de outros produtos. Na parte superior do reclame encontrava-se o título em fontes destacadas *LEILÃO* ou mais especificamente *Leilão de livros*, seguido por informações sobre os proprietários dos bens a serem leiloados, o local em que seria realizado o pregão, a hora, e, eventualmente, o motivo da

²⁹ Informações extraídas do jornal *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*, relativas ao mês de maio de 1856.

venda em hasta pública, bem como o nome do proprietário dos bens em exposição. Em seguida, em letras destacadas, aparecia o nome do leiloeiro e o corpo do anúncio no qual eram descritos os itens em leilão. Essas informações poderiam ser dadas de modo mais ou menos detalhado, seguindo ou não essa ordem. O anúncio abaixo serve como exemplo de um anúncio de leilão de livros:



Figura 01: Anúncio de leilão realizado por H. Cannell, no Rio de Janeiro. Fonte: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*. 4 de Agosto de 1857, p. 3.

O reclame acima destacado contém as informações básicas de um típico anúncio de leilão, pois realça o título “LEILÃO”, evidencia também os itens à venda (fazendas, lã, algodão e linho, ferragens, objetos de armarinho, trastes), o nome do leiloeiro “H. Cannell” (um dos pregoeiros mais ativos do período), dia e hora “terça-feira, ás 10 ½ horas” e o local “armazem, rua do Hospício n.7”. Uma particularidade interessante desse anúncio é que ele destaca que estará vendendo “diversos volumes”, dentre eles os romances “*Monte-Christo, Judeu Errante, Mystérios de Paris*” e 07 volumes com estampas do jornal português “*Panorama*”. Os anúncios de leilões que contêm apenas livros são menos frequentes, sendo mais comuns aqueles que anunciam obras vendidas juntamente com outros itens, como aponta o anúncio acima destacado e o gráfico a seguir:

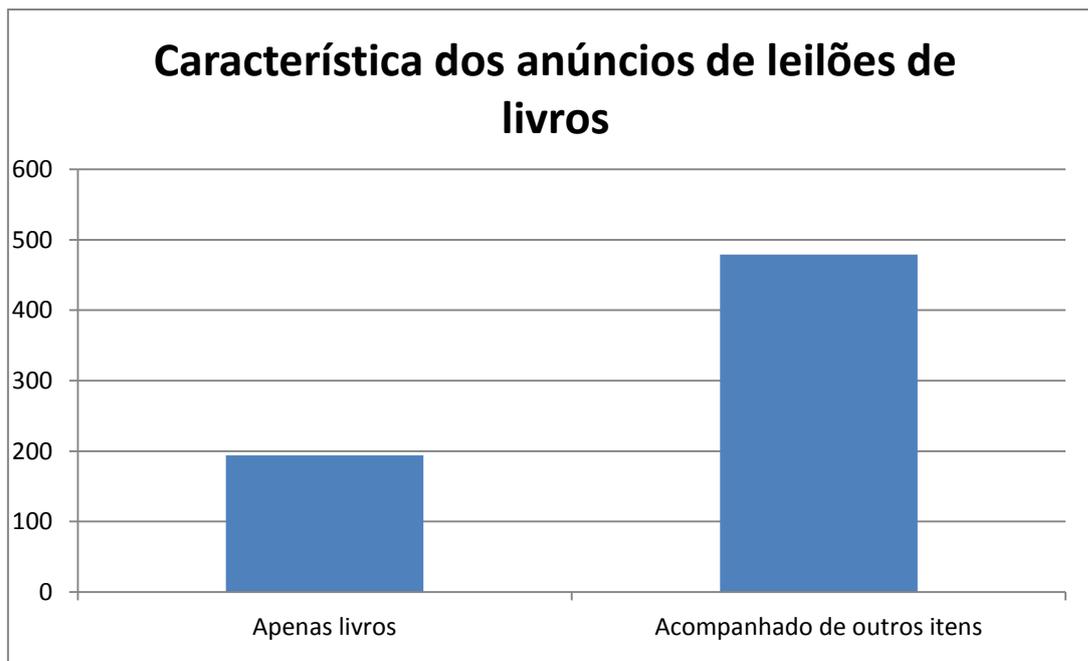


Gráfico 01: Tipos de anúncios de leilões. Fonte: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*.

Este gráfico é importante, pois permite pensar que o ato de leiloar livros não era fruto de um desapego ou um desinteresse específico pelos livros. O fato de os impressos serem leiloados juntamente com outras mercadorias indica que seus proprietários buscavam se desfazer de um conjunto de bens, seja para levantar dinheiro, seja por outros motivos, como se verá quando discutirmos quais as razões que levavam as pessoas a se desfazerem dos seus livros.

No anúncio de leilões destacado na Figura 1, nota-se a nomeação de alguns títulos de obras e de um periódico, no entanto, não menciona o nome do proprietário de tais impressos. São comuns os anúncios que citam somente o acervo sem dizer o nome de quem o possuía, ou seu inverso, mencionam o nome do proprietário dizendo apenas leiloar “Livros”. Mais raros e mais importantes nessa pesquisa foram as propagandas que apresentam o nome do proprietário e títulos de obras ou autores que compõem seu acervo. O gráfico a seguir mostra essa diversidade de anúncios:

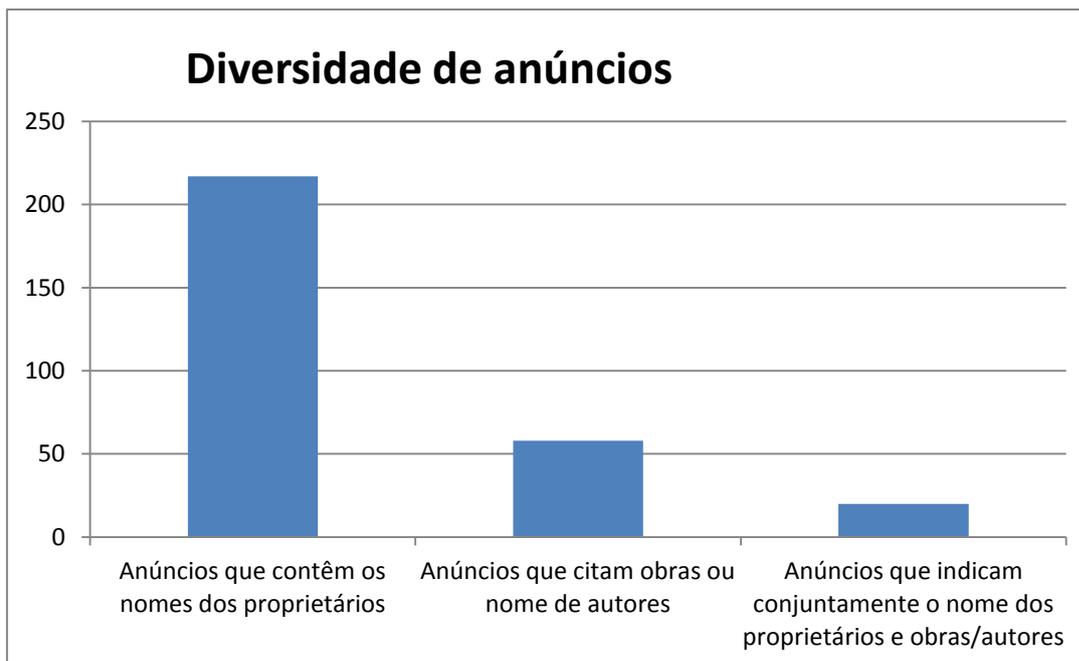


Gráfico 02: Diversidade de anúncios de leilões de livros. Fonte: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*.

De um total de 674 anúncios de leilões de livros, o gráfico nos indica que 217 continham o nome dos proprietários dos bens leiloados, ou seja, aproximadamente um terço dos leilões. Os 58 anúncios que apontavam títulos e/ou nomes dos autores, aliados aos 20 anúncios que mencionavam o nome dos proprietários juntamente com parte de seu acervo, permitiram a identificação do nome de aproximadamente 396 autores e 436 títulos de livros, como se verá adiante.

Assim, percebe-se que os anúncios de pregões mantêm uma mesma estrutura, podendo conter ou não informações mais pontuais sobre o proprietário, o motivo de ele estar se desfazendo de seu acervo ou detalhes sobre suas bibliotecas. Notou-se também que normalmente os livros eram leiloados conjuntamente com outros produtos e não isolados.

Uma informação contida em parte dos anúncios merece destaque: os motivos pelos quais os proprietários despojavam-se de suas bibliotecas. Tais informações são importantes para compreender um pouco mais a relação de leitores com suas bibliotecas no século XIX no Rio de Janeiro.

Vários motivos foram alegados nos anúncios de venda de livros em hasta pública, como nos indica o gráfico seguinte:



Gráfico 03: Motivos alegados nos anúncios de leilões de livros. Fonte: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*.

Viagens para a Europa, referidas em quase 150 anúncios, eram o principal motivo que levava os proprietários a se desfazerem de seus bens, se considerarmos as informações oferecidas no conjunto de propagandas. O segundo motivo mais frequente, com pouco mais de 50 menções, era “Retirou-se da corte”, o que, eventualmente, poderia significar que o proprietário dirigiu-se para a Europa, embora tenha preferido não indicar seu paradeiro futuro. Somem-se a estes os que declararam querer leiloar seus livros por “mudança de endereço”, porque “retirou-se para o Sul” ou para “os Estados Unidos”, pois “mudou-se para a América do Sul”, “retirou-se para o Norte”, ou fez uma “mudança nacional” e perceberemos que as alterações de domicílio eram, de longe, o principal fator que levava ao desejo de vender livros e objetos pessoais. Isso permite supor que as publicações eram objetos difíceis de transportar, fazendo com que seus proprietários decidissem se livrar delas antes da viagem. Além disso, talvez elas pudessem voltar a ser adquiridas na nova localidade ou, quem sabe, os proprietários não tivessem intenção de ler mais de uma vez os mesmos títulos.

Os óbitos também foram motivos bastante alegados, estando presentes em mais de 50 anúncios. Se isto mostra pouco apego aos livros por parte dos herdeiros, também pode significar que uma coleção de livros poderia ser boa fonte de recursos em

urgências financeiras, o que se confirma, aliás, em mais de 50 casos, em que os anúncios advertem que o leilão foi ocasionado por “falência”, “liquidação”, “pagamento de dívidas”. Desta forma, os anúncios de leilão permitem saber que a mudança de endereço e a necessidade de angariar fundos eram os motivos que mais levavam pessoas a se desfazer de seus livros, ao menos sob a forma de um leilão. Isto explica por que, em pouco mais de 70% das situações, os livros eram leiloados juntamente com outros bens, restando, no entanto, quase 30% de casos em que os impressos apareciam desacompanhados, seja porque o proprietário nada tivesse além de livros, seja pois estes pareceram ser o melhor chamariz para o pregão.

1.2. – As obras anunciadas em leilão: temas, línguas, títulos e autores.

Os anúncios de obras por vezes continham informações genéricas acerca do acervo em leilão, contemplando somente os temas e gêneros aos quais pertenciam os livros à venda. A título de exemplo, citamos o anúncio de leilão de livros do dia 14 de março de 1855, no qual o leiloeiro Henrique Cannell pregoa os livros pertencentes ao Gabinete Porto-Alegrense, correspondendo a “grande variedade de romances dos melhores escritores”, bem como “literatura, viagens, direito, teologia (...)”³⁰. Mesmo sendo designações gerais sobre as obras leiloadas, elas auxiliam-nos a enquadrar os campos de saberes e gêneros mais presentes nas bibliotecas particulares do período vendidas em leilão. A Tabela 02 traz os 14 temas ou gêneros, conforme mencionados nas propagandas, que foram citados mais do que 15 vezes nos anúncios de leilões de livros:

<i>Tema / gênero</i>	<i>Quantidade de citações</i>	<i>Tema / gênero</i>	<i>Quantidade de citações</i>
Medicina	95	Dicionários	30
Literatura	84	Religioso	22
Ciência	80	Novela	22
Jurídico	79	Poesia	20
Clássicos	67	Geografia	20
História	60	Matemática	17
Romance	39	Viagens	16

Tabela 02: Temas / gêneros mais citados nos anúncios de leilões de livros no jornal *Correio Mercantil* (1848-1868). Fonte: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868).

³⁰ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 14 de março de 1855, p.3.

Se computássemos também os temas e gêneros que tiveram 15 ou menos citações, a nossa tabela seria composta por 53 temas/gêneros. Tal fato já demonstra o amplo espectro de saberes que estavam em circulação por intermédio dos leilões de livros. Observando a tabela, percebe-se que dois temas referem-se diretamente a atividades profissionais: “Medicina” e “Jurídico”. A relação entre a composição das bibliotecas particulares e as ocupações profissionais de seus respectivos proprietários já foi averiguada por outras pesquisas³¹, permitindo, desse modo, supomos uma grande presença de médicos e advogados na condição de proprietários dos impressos leiloados. Os dicionários, presentes nas bibliotecas particulares cariocas desde os tempos coloniais³², mesmo não estando entre os primeiros colocados, ocupam posições notáveis. As rubricas “Literatura” e “Clássicos”, que também têm bastante destaque, são menos específicas e poderiam abranger várias outras tipologias no quadro, como “Romance”, “Novela” ou “Poesia”. Se somadas, essas referências chegam a um total de 232 menções, fazendo da Literatura o item mais enfaticamente mencionado nos anúncios. A maciça presença de obras literárias nos leilões permite inferir que elas eram itens fundamentais na composição de bibliotecas particulares e tinham uma presença social bastante intensa. Sua abundante menção nos anúncios também leva a supor que havia um interesse amplo por obras literárias e, mais especificamente, por narrativas ficcionais, que chegam a 61 referências se forem somadas as menções a “Romance” e “Novela”, ficando muito acima da “Poesia”, referida 20 vezes.

Os temas/gêneros manifestos nos anúncios de leilões de livros nos apresentam um conjunto de obras de interesses à primeira vista variados, englobando 53 temas/gêneros diversos. No entanto, ao analisar os índices mais detidamente, nota-se a presença destacada da Literatura. Interessante salientar também que o gênero poético, bem avaliado no período, e o tema religioso estão menos cotados do que um tipo de texto não tão consagrado e não tão prestigiado no momento como era o caso da prosa ficcional.

Por vezes os anúncios indicavam também as línguas nas quais as obras eram escritas, como, por exemplo, o anúncio do dia 6 de junho de 1855, no qual o leiloeiro João Gaudio anuncia leiloar “5000 volumes de livros” “compreendendo excellentes

³¹ Cf. VILLALTA, 2000, p.194; SILVA, 2000, p.159; ABREU, 2003, p.168.

³² ABREU, 2003, p. 170.

obras em português, francez, inglez, alemão, hespanhol e latim”³³. A partir desses anúncios, organizamos o gráfico seguinte:

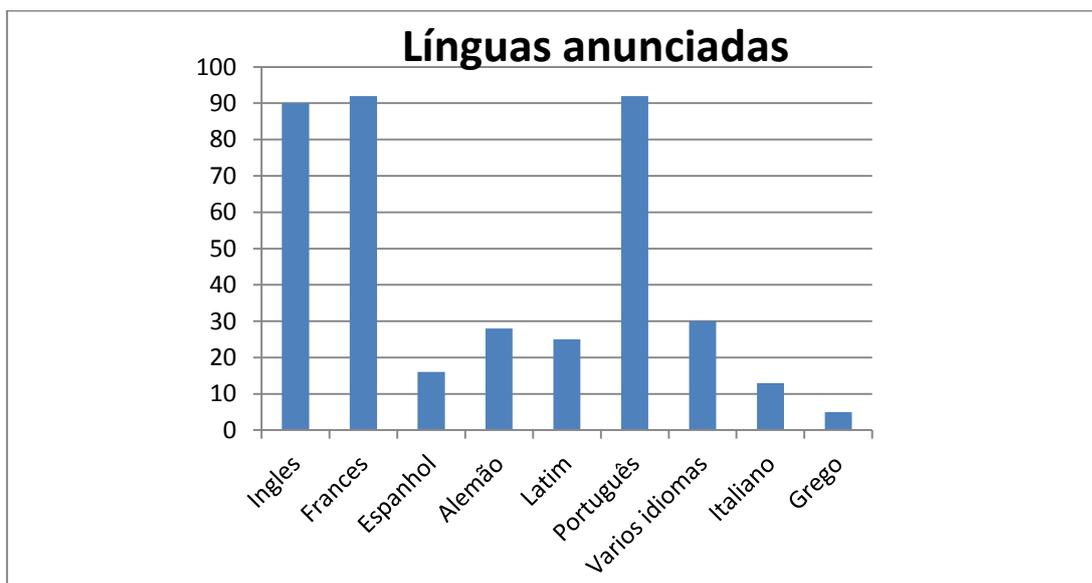


Gráfico 04: Idiomas dos livros anunciados em leilão. Fonte: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*.

Observando o gráfico é possível perceber o nivelamento das línguas francesa (citada em 91 ocasiões), portuguesa (91) e inglesa (90), coexistindo com a alemã (29), latina (25), espanhola (15), italiana (12), grega (04) e “vários idiomas” (91). O gráfico nos permite também constatar que havia uma pluralidade de obras em diversas línguas disponíveis aos leitores de meados do século XIX e, conseqüentemente, havia um público capaz de ler nessas línguas, seja por competência linguística adquirida ou pelo fato de esses proprietários serem estrangeiros.

Como foi dito anteriormente, durante os 21 anos de distribuição do *Correio Mercantil* foram anunciados 1101 anúncios de leilões de livros, porém o mesmo anúncio poderia ser citado várias vezes. Depurando os anúncios em geral, chegamos a um total de 674 anúncios diferentes entre si. Dentre esse resultado final, notamos que 78 eram mais detalhados e continham descrições das bibliotecas em leilão na forma de nomeação dos títulos ou dos nomes dos escritores que compunham o acervo em questão, como, por exemplo, no caso da venda em hasta pública dos bens do senhor Manoel José Rabello, que dentre vários artigos leiloa também “livros de Chateaubriand, Racine, Lamartine, Corneille, La Bruyère, Thiers e mais outros autores afamados”³⁴.

³³ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 6 de junho de 1855 p.3.

³⁴ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868) de setembro de 1853, p.3.

Essas 78 propagandas resultaram em um registro de 436 títulos de livros e 396 nomes de autores.

A Tabela 03 lista os títulos que receberam quatro ou mais citações nos anúncios de leilões:

<i>Título da obra</i>	<i>Número de citações</i>	<i>Título da obra</i>	<i>Número de citações</i>
<i>Dicionário de Moraes</i>	10	<i>Dicionário de Faria</i>	05
<i>Historia de Napoleão</i>	08	<i>Voyage au Brezil</i>	04
<i>Historia da França</i>	05	<i>History of England</i>	04
<i>L'illustration Française</i>	05	<i>Les Mysteres de Paris</i>	04
<i>Dicionario de Constancio</i>	05	<i>Dom Quixote</i>	04
<i>Panorama</i>	05		

Tabela 03: Títulos mais anunciados nos anúncios de leilões de livros no jornal *Correio Mercantil* (1848-1868). Fonte: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868).

A grande maioria dos títulos foi anunciada somente uma ou duas vezes, sendo assim, é restrito o número de obras que receberam mais que três citações, como ilustra a Tabela 03. Tal listagem relativiza a Tabela 02, reafirmando alguns temas/gêneros e ocultando outros. Os dicionários, que, na tabela de temas, estavam na 8ª posição, aqui ganham destaque ocupando respectivamente a 1ª, 4ª e 7ª colocações. Aparecem também três livros de História – *História de Napoleão*, *História da França* (ambos citados em português nos anúncios o que indica tratar-se de tradução) e *History of England* –, dois periódicos internacionais – *L'illustration Française* (França) e *Panorama* (Portugal) –, um livro de viagens – *Voyage au Brezil* – e dois romances – *Les Mysteres de Paris*, de Eugène Sue, e *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes.

Declarar que o pregão continha *Dom Quixote* é diferente de informar que seriam leiloados “Romances”. Ao destacar esta obra específica, o leiloeiro nos oferece uma pista de que, em meados do século XIX, o título *Dom Quixote*, despertaria interesse e atrairia potenciais compradores no Rio de Janeiro. Considerando-se o que diz José Mindlin, para quem “na formação da biblioteca, acabam se formando coleções, porque se lê um livro de um autor, gosta-se desse livro e vai-se querer ver as outras obras desse

autor³⁵, talvez fosse possível encontrar outras narrativas de Cervantes ou romances espanhóis no acervo em leilão.

Outro modo de discriminar as obras em leilão era mencionar o nome de alguns autores que faziam parte do acervo. Do mesmo modo que ocorreu com os títulos, foram mencionados muitos nomes de autores, no entanto, apenas 27 escritores receberam mais do que três citações nos reclames como indica a Tabela 04:

<i>Autor</i>	<i>Número de citações</i>	<i>Autor</i>	<i>Número de citações</i>
Alexandre Dumas	20	Georg Sand	06
Lamartine	14	Guizot	06
Eugene Sue	13	Racine	05
J. J. Rousseau	13	Camões	05
Paul de Kock	12	Fenimor Cooper	05
Chateaubriand	12	Velpeau	05
Voltaire	10	Caepéfigue	05
Lord Byron	09	Lobão	05
Walter Scott	09	Boileau	05
Thiers	08	Soulié	04
Molière	08	Montesquieu	04
Balzac	07	La Fontaine	04
Victor Hugo	07	Buffon	04
Mme. De Stael	07		

Tabela 04: Autores mais anunciados nos anúncios de leilões de livros no jornal *Correio Mercantil* (1848-1868). Fonte: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868).

O comentário feito em relação aos títulos também vale para o nome dos autores, ou seja, citar que no leilão seria posto à venda “Obras de Alexandre Dumas” poderia atrair leitores que gostavam do autor ou até mesmo aqueles que tinham preferência por uma obra em específico e se deslocaria ao pregão na esperança de encontrar a pretensa obra, mas que a encontrando ou não poderia comprar outros títulos do autor ou até mesmo outras obras de romancistas diversos, por exemplo. Há na Tabela 04 escritores de ramos do saber relativamente díspares: romancistas (entre os quais Alexandre Dumas, Eugène Sue), historiadores (Thiers, Guizot, Caepéfigue), filósofos (Voltaire, Rousseau, Montesquieu), poetas (Lord Byron e Camões), escritores de peças de teatro (Molière e Racine), juristas (Manuel Lobão e Conde de Buffon) e Velpeau representando a área médica. À primeira vista, parece ser uma lista heterogênea. Percebe-se, também, que a Tabela 04 é composta somente por autores estrangeiros, majoritariamente franceses, com apenas algumas exceções, um norte americano

³⁵ MINDLIN, 2000, p.101.

(Fenimore Cooper), dois portugueses (Camões e Manuel de Almeida e Sousa Lobão) e dois ingleses (Lorde Byron e Walter Scott). Além da presença marcante de autores europeus, salvo Fenimore Cooper, outra discrepância apresentada refere-se à quantidade marcante de romancistas, 11 no total, acrescido de outros escritores como Voltaire, Rousseau, Montesquieu e Alphonse de Lamartine que entre suas obras contam também com narrativas ficcionais. Além da presença desses romancistas, outro fato relevante é a posição de destaque que eles ganham na Tabela 04, ocupando as sete primeiras posições da tabela, com destaque particular a Alexandre Dumas, Eugène Sue e Paul de Kock que são escritores folhetinescos de grande sucesso na época. Alexandre Dumas impera no topo da lista, com seis citações a mais do que o segundo colocado e o dobro de menções que o sétimo colocado.

O intuito desse primeiro capítulo foi apresentar de forma geral os anúncios de leilões de livros do jornal carioca *Correio Mercantil*. Os anúncios de leilões de livros tiveram presença constante durante os 21 anos de distribuição do diário, com principal recorrência na década de 1850, encontrados na forma de conjunto de livros isolados levados a leilão ou, mais comumente, postos à venda conjuntamente com outros itens. Por intermédio das propagandas, que poderiam conter maior ou menor riqueza de detalhes, sabemos que os leilões de livros ocorriam principalmente por causa de óbitos ou mudança de endereço por parte dos proprietários, indicando, desse modo, que os impressos poderiam ser uma boa alternativa para angariar fundos para herdeiros ou em caso de falência, como também eram itens pesados demais para serem transportados em viagens de navio ou carroça. No que concerne mais especificamente às obras contidas nos reclames, salienta-se sua abrangência de saberes. Foram anunciados livros das mais diversas áreas do conhecimento e gêneros, parte deles em correlação direta com necessidades profissionais de seus proprietários, porém a Literatura teve papel de destaque nos anúncios. Proeminência esta observada tanto na tabela relativa aos temas e gêneros (Tabela 02), na posição relevante das rubricas “Literatura”, “Romance”, “Novela” e “Poesia”, como na listagem dos títulos mais anunciados (Tabela 03), que marca *Les Mysteres de Paris* e *Dom Quixote* na lista de obras mais citadas, e na tabela de escritores mais citados (Tabela 04), cujo índice de autores agrega em sua maioria romancistas, poetas e dramaturgos. Se a Literatura é preponderante nos pregões, o Romance se sobressaiu em relação aos outros gêneros literários. Na Tabela 02, se somadas as rubricas “Romance” e “Novelas” elas ocupariam a 6ª posição, na Tabela 03 há dois romances entre os títulos mais citados e na Tabela 04 o gênero romanescos está

muito bem representado na figura da maioria dos autores ali listados e em posições de destaque, principalmente Alexandre Dumas. Graças a isso, o quarto capítulo desta monografia consagra-se a analisar mais de perto a presença dos romances nos anúncios do *Correio Mercantil*. Mas, antes disso, é necessário entender como eram compostos os anúncios de leilões de livros. Para tanto, é necessário compreender quem são os organizadores desses anúncios, quem os imagina, estrutura e divulga, enfim, quem é o cérebro por trás dos anúncios de leilões de livros do *Correio Mercantil*. Esse personagem interessantíssimo e fundamental para entender as obras à venda em pregão no período era o leiloeiro.

Capítulo 2. Os leiloeiros e a composição dos anúncios.

2.1.– Os leiloeiros.

Se por vezes, como foi discutido anteriormente, nos anúncios poderia ser obliterado o nome do proprietário dos bens em leilão ou os motivos do pregão, o mesmo não acontecia com o nome dos leiloeiros, que, na maioria das vezes, estavam presentes nos reclames e, não raro, de forma destacada. Sendo assim, nas duas décadas de circulação do *Correio Mercantil*, vários pregoeiros cariocas se utilizaram da seção destinada aos leilões para veicular mercadorias a serem vendidas em hasta pública. A Tabela 05 apresenta 38 agentes de leilões e a quantidade de anúncios de livros que cada um deles divulgou no jornal diário em análise:

Nome dos leiloeiros	Total de pregões diferentes por leiloeiro no período de 1848-1868
Manoel de Oliveira e Sá	138
Henrique Cannell	134
Prosper Philigret	56
Carlos Tanière	36
Archibald Lawrie	32
Frederico Guilherme	32
José Joaquim Coelho Castro Bittencourt	25
Ricardo José de Amorim Vianna	23
José Bouis	19
Martiniano de Souza Pinto	19
João de Alvarenga Gaudio	18
M. P. Bastos	15
A. Silva	12
J. Guimaraes	12
Samuel Southam	10
Edward Cussen	09
Secundino da Cunha	09
Campbell & Greenwood	08
P. L. Ferreira Travassos	07
Luiz Antonio dos Santos	07
Antonio de Almeida Antunes	07
Gregorio da Soledad Pontes	06
Roberto Grey	06
Guilherme Harvey	05
Carlos Aveline	04
Sem leiloeiro	03
Joaquim Rodrigues Faria	03
B. T. Borges	03
Antonio de Moraes e Silva	02
J. Pinto Ferreira da Silva	02
Silva Braga	02

José Bouis e Cardozo	01
Feraudy	01
J. A. Ferreira Santos	01
Henrique Southam	01
Gabriel Goodman Davies	01
S. A. Vieira da Cunha	01
J. B. Olive	01
A. Meneses	01
Pedro Golçalves	01

Tabela 05: Leiloeiros que anunciaram livros no *Correio Mercantil*. Fonte: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal (1848-1868)*.

Inicialmente, interessa-nos saber qual é o perfil dos leiloeiros na capital imperial em meados do século XIX e analisar a importância desse personagem na confecção dos anúncios de leilões de livros.

Mariza Malta, ao tratar sobre o mobiliário oitocentista no Rio de Janeiro, explora a técnica e a importância do ramo leiloeiro para entender a composição mobiliária das casas na capital imperial brasileira. A autora afirma, referindo-se em específico aos pregoeiros:

Havia leis que regiam essas nomeações [nomeações de leiloeiros], assim como exigências, obrigações, procedimentos e valores de comissões. Conforme Decreto de n.858 de 10 de novembro de 1851, para ser agente de leilão era exigido possuir mais de 25 anos de idade e mais de um ano de domicílio no mesmo endereço, não sendo permitida a função ao sexo feminino nem àqueles que não podiam ser comerciantes. O leiloeiro era um cargo dependente de nomeação e estava submetido ao Tribunal do Comércio.³⁶

As informações oferecidas por Mariza Malta ajudam a entender por que há apenas nomes masculinos na Tabela 5. Percebe-se ainda um grande conjunto de nomes que apontam para sujeitos de outras nacionalidades, como é o caso de sobrenomes anglófonos como Cannell, Harvey, Lawrie ou francófonos, por exemplo, Bouis e Tanière, sem mencionar a possibilidade de que sobrenomes lusófonos correspondam a sujeitos oriundos de Portugal. Fossem estrangeiros ou naturalizados, todos eles deveriam viver no Brasil há mais de um ano quando fizeram os anúncios, seguindo a lei 858 de novembro de 1851.

³⁶ MALTA, 2014, p.566. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/acasasenhorial/artigospaginainicial/591/Tema4%20Malta.pdf>

Observando os 11 primeiros agentes de leilão³⁷, nota-se que os nomes estrangeiros se destacam. Nossas pesquisas revelaram que oito leiloeiros são estrangeiros naturalizados: quatro franceses (Prosper Philigret, Frederico Guilherme, José Bouis, Carlos Tanière), dois portugueses (Manoel de Oliveira e Sá e Ricardo José de Amorim Vianna) e dois ingleses (Henrique Cannell e Archibald Lawrie)³⁸. Marize Malta aponta que “até a década de 1850, boa parte dos leiloeiros apresentava nome estrangeiro, como J.J. Dodsworth, Lawrie & Morgan, Campbell & Greenwood, Carlos Tanière.”³⁹. Outros dados podem ser elencados para corroborar essa afirmação⁴⁰. Prosper Philigret, Henrique Cannell, Archibald Lawrie, Frederico Guilherme, José Bouis, Carlos Tanière são estrangeiros que constam nas listas de leiloeiros cariocas do *Pequeno Almanak*, da *Folhinha Commercial e de Utilidade Geral*, na lista apresentada pela professora Marize Malta⁴¹, bem como estão entre os 11 primeiros colocados na lista de pregoeiros (Tabela 05). A incidência de agentes de leilões de outras nacionalidades na primeira metade do século pode ser explicada com a vinda da família real portuguesa e a abertura de portos, pois alguns leiloeiros teriam vindo junto com os primeiros comerciantes ingleses chegados ao Brasil após a liberação dos portos⁴². Por intermédio de sua ação, auxiliaram a absorção de mercadorias que afluíam em terras brasileiras advindas da Europa. Em 1851, o crescimento da atividade leiloeira exigiu a regulamentação desta modalidade comercial⁴³.

Alguns deles ganharam notoriedade no ramo, servindo de referência aos agentes de leilões. Archibald Lawrie é um exemplo de leiloeiro que parece ter ficado muito conhecido nessa esfera comercial. De acordo com seu obituário⁴⁴, Lawrie era inglês,

³⁷ Estabelecemos a média de anúncios por leiloeiros durante os 21 anos do diário fluminense, o que resultou em 17 reclames por leiloeiro. Assim, resolvemos nos aprofundar na pesquisa nos restringindo aos pregoeiros que estiveram acima da média, o que nos forneceu o recorte dos 11 primeiros comerciantes de leilão.

³⁸ Esses dados foram encontrados, principalmente, em obituários anunciados no *Diário do Rio de Janeiro* e no *Correio Mercantil*, bem como em dois mapas de estrangeiros naturalizados, disponíveis no *Diário do Rio de Janeiro* nos dias 28 de janeiro de 1856 e 07 de março de 1857.

³⁹ MALTA, 2014, p.566.

⁴⁰ A *Folhinha Commercial e de Utilidade Geral* do ano de 1840, nas páginas 37-38, traz uma lista com cinco leiloeiros matriculados na cidade, sendo que todos são estrangeiros. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709247&PagFis=145>.

O *Pequeno Almanak do Rio de Janeiro* dos anos 1842, página 86 (Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=339946&PagFis=66>), e 1843, página 54 (Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=339946&PagFis=204>), traz duas listas dos leiloeiros que constam na capital. Os nove agentes de leilões citados são estrangeiros.

⁴¹ MALTA, 2014, p.566.

⁴² GERSON *apud* FERNANDES, 2013, p.3.

⁴³ FERNANDES, 2013, p.3.

⁴⁴ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 22 de dezembro de 1853, p.1. Seu nome também consta nas listas de leiloeiros da *Folhinha Commercial* e do *Pequeno Almanak*.

solteiro e havia nascido em 1799. Após sua morte, sua casa de leilões “continua pelo seu empregado há 20 annos, agente de leilões matriculado, Manoel de Oliveira e Sá”⁴⁵. Manoel Sá era português, nascido em 1811, casado com uma carioca e naturalizado no Rio de Janeiro⁴⁶. Após o falecimento de seu patrão, tomou o lugar dele, mas não sem antes deixar claro aos seus clientes que é “sucessor, testamenteiro, herdeiro e particular amigo”⁴⁷ de Archibald Lawrie, a quem se refere como “um nome tão distinctamente conceituado nesta praça”⁴⁸. E ainda, em outra oportunidade, assevera que “continua da mesma forma, e debaixo dos princípios seguidos”⁴⁹ pelo seu “intimo amigo”⁵⁰ Archibald Lawrie. Como se já não bastasse essas tentativas de atrelar sua atividade comercial a do finado patrão, Manoel Sá recorre abusivamente nos seus anúncios de leilões ao epíteto de “sucessor de A. Lawrie”. Ou seja, Manoel Oliveira e Sá parece ter se utilizado da fama de seu antigo empregador para alavancar sua carreira como agente de leilões. Observando os dados da tabela de leiloeiros (Tabela 05), parece que tal tentativa logrou êxito, já que ele se destaca em primeiro lugar, com 138 diferentes anúncios de leilão. Em setembro de 1865, quando Manoel Sá abandona o ramo de leiloeiro, o português Ricardo José Amorim Vianna pede sua nomeação de agente de leilão.⁵¹ Vianna ocupará o posto de Sá e também se intitulará como “sucessor de” Manoel de Oliveira e Sá, buscando, provavelmente, usufruir do reconhecimento de seu conterrâneo antecessor.

O caso Lawrie-Sá-Vianna é interessante, pois agrega três leiloeiros que estão entre os que mais anunciam livros, bem como parece servir de quadro paradigmático da lógica de funcionamento do mercado de sucessão dos agentes de leilões cariocas da metade do século: comerciantes estrangeiros que se destacam no mercado de leilões e ao se desligarem da profissão passam sua atividade para pessoas próximas que, por sua vez, buscam servir-se da fama de seus antecessores para se firmarem no mercado. Os casos dos leiloeiros Samuel Southam, Prosper Philigret e João Gaudio ilustram e aprofundam mais ainda as proposições a respeito do mercado leiloeiro já percebidas no caso da sucessão de Archibald Lawrie.

⁴⁵ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 23 de janeiro de 1854, p.3.

⁴⁶ *Diário do Rio de Janeiro*. 28 de janeiro de 1856, p.8.

⁴⁷ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 11 de janeiro de 1854, p.3.

⁴⁸ *Idem*.

⁴⁹ *Diário do Rio de Janeiro*. 9 de janeiro de 1854, p.3

⁵⁰ *Idem*.

⁵¹ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 29 de setembro de 1865, p.2.

Samuel Southam, 15º listado na Tabela 05, era um inglês nascido em 1811 que, como Archibald Lawrie, também aparece no catálogo de leiloeiros da *Folhinha Commercial* e do *Pequeno Almanak*. Exerceu sua profissão até 8 de outubro de 1858, quando aparece uma nota no *Correio Mercantil* afirmando que o “antigo e honrado leiloeiro” Sr. Samuel Southam havia falecido a bordo do paquete *Avon*⁵². Quem assume seu posto como agente de leilões é seu irmão, Henrique Southam, que irá exercer a profissão até 14 de março de 1860 quando é vitimado por um ataque apoplético⁵³. Quem se apresenta como “sucessor de S. Southam” é outro inglês, denominado Gabriel Goodman Davies, que, por sua vez, ficará no ramo até 15 de janeiro de 1862 quando é vitimado de enterro-colite e falece.⁵⁴ Em 24 de janeiro do mesmo ano, o brasileiro Martiniano de Souza Pinto, ocupante da 11ª posição na Tabela 05, é quem assume o posto de Davies, intitulando a si mesmo como “sucessor de S. Southam” ou “antiga casa de S. Southam”⁵⁵. Às vezes nos anúncios o nome de S. Southam aparecia em fontes maiores até mesmo que o de M. S. Pinto⁵⁶. Como no caso de Archibald Lawrie, os sucessores de Samuel Southam, estrangeiros como ele, salvo Martiniano Pinto que já vivia uma fase em que os leilões não estavam mais somente nas mãos dos agentes estrangeiros⁵⁷, buscaram firmar seus nomes na praça referindo-se a Samuel Southam, pregoeiro conhecido e tradicional no ramo leiloeiro.

Quando o marselhês Prosper Philigret, 3º lugar na Tabela 05, morre em 17 de julho de 1868⁵⁸, quem tenta assumir seus negócios como leiloeiro, do mesmo modo como ocorreu com Samuel Southam, é seu irmão Theodolo Philigret. Porém Theodolo é muito jovem e o negócio fale em 16 de março de 1870⁵⁹.

Ou seja, os leilões que ocorriam no Rio de Janeiro estiveram até a metade do século XIX nas mãos de comerciantes estrangeiros que se instalaram na capital. Ao falecer ou desistir do negócio, as atividades leiloeiras do falecido ou desistente passava para a mão de outro comerciante, até a metade do século seria quase certamente a outro estrangeiro. A atividade leiloeira parecia render algum lucro, tendo em vista que os funcionários de casas de leilões, ao menos em dois casos, optaram por abrir seu próprio

⁵² *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 8 de outubro de 1858, p.1.

⁵³ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 17 de março de 1860, p.1.

⁵⁴ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 17 de janeiro de 1862, p1.

⁵⁵ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 24 de janeiro de 1862, p2.

⁵⁶ Por exemplo, o anúncio do dia 17 de setembro de 1862, página 3.

⁵⁷ MALTA, 2014, p.566.

⁵⁸ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 20 de julho de 1868, p3.

⁵⁹ *Diário do Rio de Janeiro*. 16 de março de 1870, p.3

negócio no ramo⁶⁰, bem como os parentes que na vaga de um irmão se apossavam da matrícula de leiloeiro do falecido ou deposto do cargo. As tentativas de se apropriar de nomeações já conhecidas na praça, bem como a grande quantidade de agentes de leilões que anunciavam nos jornais, denotam a competitividade neste setor comercial na metade do século XIX na capital imperial.

2.1.– A composição dos anúncios.

É razoável presumir que os leiloeiros divulgavam seus anúncios visando atrair o público aos seus pregões. Logo, os agentes de leilões deveriam confeccionar seus reclames de modo que aquele trecho no jornal atraísse o número máximo de curiosos ou conseguisse chamar atenção de um grupo específico de interessados em determinadas obras. Sendo assim, supõe-se que eles usassem algumas estratégias mercadológicas nas propagandas, de modo que nada em um anúncio de leilão deve ter sido posto de modo fortuito, sendo fruto de cálculo da mente do leiloeiro que realizará o pregão. Nessa perspectiva os anúncios são fontes primordiais para fazer inferências sobre qual a representação de público leitor que os leiloeiros tinham e ter acesso a alguns julgamentos de valor dos próprios pregoeiros em relação às obras à venda.

Os anúncios de leilões geralmente ocupavam um espaço diminuto de uma ou duas colunas do jornal. Um modo de atrair clientes seria anunciar seu leilão de modo mais espaçado na coluna⁶¹. Logo, tendo em vista que o jornal cobrava dos leiloeiros por cada linha de anúncio, os reclames maiores seriam como um investimento que o pregoeiro estaria realizando, talvez por isso eles sejam tão incomuns. Neste reduzido espaço, uma das estratégias mais patentes orquestradas pelos leiloeiros era destacar elementos por meio da utilização de caracteres tipográficos especiais. Por exemplo, no “leilão extraordinário **da liquidação do finado francez Pedro Echalié**”⁶² no qual ressalta-se em negrito o nome do proprietário dos itens em leilão; ou juntar expressões em negrito com o restante do anúncio em caixa alta, como no caso do anúncio realizado por Manoel de Oliveira e Sá no dia 22 de dezembro de 1862, no qual se lê:

⁶⁰ Manoel de Oliveira Sá e João Alvarenga Gaudio. Este último ocupou o cargo de gerência na casa de leilões do senhor Luiz Antonio dos Santos (*Diário do Rio de Janeiro*. 26/27 de dezembro de 1871, p.1).

⁶¹ Como é o caso, por exemplo, do anúncio de leilão da cachara e bens do senhor Fulcrane Bocque, que consta no dia 02 de fevereiro do ano 1855 e ocupa quase meia página do jornal.

⁶² *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 15 de junho de 1856, p.2.

LEGÍTIMO LEILÃO DE RICOS MOVEIS, PIANOS, RIQUISSIMAS PINTURAS, FINAS GRAVURAS, UMA ESCOLHIDA LIVRARIA CIENTIFICA, HISTORICA E DE LITERATURA, JOIAS DE OURO COM BRILHANTES, PEROLAS, ETC. UMA LINDA VICTORIA QUASE NOVA COM ARREIOS⁶³

Se as intervenções dos leiloeiros na mancha gráfica do jornal são mais perceptíveis, a confecção do anúncio em si é carregada de sentido e nos revela várias informações.

Por vezes, há a utilização de línguas estrangeiras nos anúncios. Subtítulos e títulos em latim são relativamente comuns nos anúncios de leilões de livros⁶⁴, o que a princípio parece ser um modo de inferir que no leilão encontrar-se-ão itens clássicos. Além do latim, encontramos três anúncios em inglês⁶⁵, um em alemão⁶⁶ e um em uma língua que não conseguimos identificar⁶⁷. Tais reclames parecem apontar para a tentativa dos pregoeiros em atrair um público estrangeiro às vendas em hasta pública ou um público altamente escolarizado.

Os anúncios serem escritos em língua estrangeira pode sugerir que tais reclames tinham como público alvo pessoas de outras nacionalidades que viviam no Rio de Janeiro, porém algumas propagandas de leilões delimitavam abertamente o público a que se dirigia. A restrição ocorria de vários modos, poderia ser por gênero, como no anúncio do dia 30 de maio do ano de 1852 no qual o pregoeiro A. Lawrie convida “respeitosamente ao bello sexo” a comparecer ao leilão, tendo em vista “ser o costume na Europa e Estados-Unidos” e que “as senhoras são melhores entenderoras do que uma casa precisa”⁶⁸. Ou o recorte operava-se em relação à ocupação do proprietário dos livros em leilão e do público pretendido, como no caso do anúncio do dia 4 de agosto de 1864, no qual se leiloa uma biblioteca de medicina e consta no anúncio um “AVISO aos

⁶³ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 22 de dezembro de 1862, p.4.

⁶⁴ Por exemplo: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 21 de julho de 1857, p.3.

Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal (1848-1868). 23 de julho de 1857, p.3.

Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal (1848-1868). 24 de janeiro de 1854, p.3.

Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal (1848-1868). 01 de outubro de 1867, p.3.

⁶⁵ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 27 de junho de 1851, p.3.

Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal (1848-1868). 25 de julho de 1855, p.3.

Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal (1848-1868). 2 de março de 1856, p.2.

⁶⁶ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 15 de agosto de 1858, p.2.

⁶⁷ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 27 de junho de 1858, p.3.

⁶⁸ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 30 de maio de 1852, p.3.

ILLMS. SRS. doutores e estudantes de medicina”⁶⁹. Seja pela quantidade de obras repetidas ou a qualidade do acervo, os livreiros e bibliófilos também eram figuras pretendidas pelos leiloeiros⁷⁰. Ao contrário dos anúncios que restringiam seu público alvo a uma ocupação profissional ou interesses comerciais, outros exprimiam a variedade dos acervos e a pluralidade de público esperado, por exemplo, o anúncio do dia 30 de março de 1858, indicando que “Esta biblioteca universal contém as obras próprias para qualquer pessoa, seja qual for sua posição na sociedade”⁷¹ ou o reclame do dia 17 de novembro do mesmo ano que “chama a atenção tanto dos amadores quanto dos doutores para aproveitar a ocasião”⁷² de arrematar livros. Apelava-se até mesmo para o gosto requintado dos que participariam do evento, tais como no anúncio do dia 20 de julho de 1863 no qual se convocam “os amadores dos bons livros”⁷³, ou seja, quem teria bom gosto literário deveria prestigiar o leilão. Tais informações apontam um público variado aos leilões, que se delimitava de acordo com o perfil do anúncio, podendo ser estrangeiros, profissionais a procura de obras que aperfeiçoariam suas habilidades no trabalho ou aumentaria o acervo de suas livrarias ou biblioteca particular, ou até mesmo pessoas a procura de literatura para deleite, sendo elas amadoras ou tendo “bom gosto” para os livros.

Se o dedo dos leiloeiros pode ser percebido no ato de delimitar o público a que tais obras destinavam-se, nota-se mais claramente sua intervenção nos anúncios quando há descrições dos livros à venda, no modo de adjetivar as obras e os autores, na seleção do que constará ou não no anúncio, na quantidade de linhas que dedica a descrever uma obra. Ou seja, no modo como o acervo a ser leiloado é depurado e apresentado ao leitor do jornal, mostra-se a pretensão e as escolhas dos leiloeiros.

Em se tratando da descrição dos autores que compunham os anúncios, os leiloeiros frisavam com frequência que nos acervos constavam autores conhecidos pelo público, seriam escritores “celebres”⁷⁴, “afamados”/“de fama”⁷⁵, ou escritores de

⁶⁹ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 04 de agosto de 1864, p.3.

⁷⁰ Cf.

Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal (1848-1868). 09 de novembro de 1849, p.3-4.

Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal (1848-1868). 20 de agosto de 1850, p.3.

⁷¹ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 30 de março de 1858, p.3.

⁷² *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 17 de novembro de 1858, p.3.

⁷³ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 20 de julho de 1863, p.3.

⁷⁴ Por exemplo: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 30 de março de 1858, p.3.

⁷⁵ Por exemplo: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 23 de maio de 1854, p.3; *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 25 de agosto de 1854, p.3; *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 08 de setembro de 1853, p.3.

“mérito”⁷⁶, podendo ser até mesmo os dois ao mesmo tempo, os “melhores” e mais “afamados” escritores⁷⁷. Tal fato indica a pretensão dos leiloeiros de atrair leitores a seus leilões e para tanto eram utilizados autores de conhecimento do público em geral, mas não todos os autores de fama, somente os “melhores” ganham preferência nos anúncios.

Definir quem eram os “melhores” autores entre os mais afamados era um trabalho a ser executado pelos leiloeiros, que nas suas atividades de comporem os anúncios operavam exclusões e realces. Na ânsia de demonstrar a qualidade dos itens à venda, procuravam alardear que os produtos a serem leiloados eram frutos de recolha, de tato, não eram meramente livros avulsos, foram extraídos de “explendidas coleções”⁷⁸, “ricas” e “escolhidas”⁷⁹, “grande e excelente”⁸⁰, chegando até a propagandas hiperbólicas tais como “LEILÃO DE LIVROS, sem igual até hoje nesta corte”⁸¹; são fruto de seleções dos melhores e mais afamados autores, extraídos de coleções fantásticas, cuja finalidade, por vezes, foi alinhada com o preceito horaciano de instruir e deleitar⁸². Por isso, são frequentes expressões como: “sobressahem obras monumentais”⁸³, “merecendo atenção”⁸⁴, obras “entre as quais fazem-se recommendáveis as seguintes”⁸⁵, leilão de livros “especialmente romances dos melhores autores”⁸⁶. Essas sentenças manifestam seletividade, revelando que os leiloeiros tinham acesso ao montante a ser vendido em hasta pública e discriminavam o que constaria ou não nos anúncios. Tal discernimento é importante, uma vez que aponta como os pregoeiros viam o comercio livreiro e quais gêneros ou obras eles destacariam no leilão para atrair seus clientes.

Em síntese, os agentes de leilões na capital imperial na metade do século XIX são homens de vinte e cinco anos ou mais e comerciantes nomeados pelo Tribunal do

⁷⁶ Por exemplo: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 22 de fevereiro de 1859, p.2.

⁷⁷ Por exemplo: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 29 de novembro de 1860, p.3.

⁷⁸ Por exemplo: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 13 de julho de 1854, p.3.

⁷⁹ Por exemplo: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 07 de setembro de 1850, p.3.

Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal (1848-1868). 21 de agosto de 1853, p.3.

⁸⁰ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 05 de novembro de 1850, p.3.

⁸¹ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 13 de julho de 1854, p.3.

⁸² *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 17 de dezembro de 1861, p.4.

Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal (1848-1868). 26 de maio de 1866, p.4.

⁸³ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 26 de maio de 1866, p.4.

⁸⁴ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 31 de janeiro de 1856, p.3.

⁸⁵ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 21 de agosto de 1853, p.3.

⁸⁶ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal* (1848-1868). 7 de dezembro de 1853, p.3.

Comércio. Grande parte deles são estrangeiros, que monopolizaram o mercado até 1850 e exerceram grande influência no setor até o fim de 1860. Monopólio e influência que se praticou em parte por uma espécie de ramificação estrangeira no campo das vendas em leilão, perpetrada por intermédio da sucessão de nomeação das casas de leilões: um estrangeiro se apossava do registro do estrangeiro precedente. A atividade leiloeira que se estabeleceu na capital na primeira metade do XIX notabilizou alguns nomes na área e os agentes posteriores tentaram se aproximar do prestígio dos antecessores já conhecidos na cidade. A atividade em ascensão e possível boa fonte pecuniária fazia com que irmãos de leiloeiros e antigos funcionários das casas de leilões tentassem a sorte com suas próprias agências de leilões.

Os pregoeiros se valeram dos jornais como suporte para propagandear as vendas de livros e outros itens. Visando atrair o público, os leiloeiros destacavam algumas informações e ocultavam outras de modo sistemático, permitindo vislumbrar uma imagem do gosto do público leitor da capital, ao menos a idealizada pelos pregoeiros. Percebe-se a constante preocupação dos leiloeiros em vincular os livros à venda como sendo fruto de uma coleção, que, por sua vez, se destaca por ser bem escolhida pelo proprietário e, ainda, contar com títulos e obras de interesse, seja pela sua qualidade material ou pelo nome dos escritores que compõem as coleções. Fatores como a materialidade do impresso e o bom gosto do proprietário também entravam em cena para incrementar o interesse pelo leilão.

Capítulo 3. Os proprietários dos livros anunciados em leilão.

Os anúncios abarcam, por vezes, mais uma informação valiosa: quem eram os proprietários de livros no período. Apartando esses anúncios do total de propagandas, foi possível esboçar o perfil socioeconômico de boa parte dos proprietários citados nos anúncios de leilões do *Correio Mercantil*, bem como verificar suas preferências literárias e conhecer um pouco sobre suas relações com os livros.

Selecionamos os anúncios que indicavam os nomes ou que traziam informações acerca dos proprietários conjuntamente com parte de seus acervos, como ocorre, por exemplo, em propaganda divulgada no dia 21 de março de 1850, informando que o pregoeiro Frederico Guilherme faria leilão, naquele mesmo dia, “na casa do Sr Andrié, rua das Larangeiras n. 41, por causa de sua sahida para a Europa”, vendendo diversos itens de mobília, entre os quais, “uma linda mesa de escrever de mogno com 5 gavetas, um bilhar para meninos”, uma cama “de criança”, “dous relógios de [ouro] para senhora”, “um lampeão de latão para ler”, além de “51 volumes diversos de historia e litteratura, sendo as obras completas de Voltaire em 4 volumes, ditas de Thiers, le consulat et l’empire, la republique. 17 volumes, A. Karr, voyage au tour de mon jardin, e outras obras de merecimento (...) que todos serão arrematados sem a mais pequena reserva”⁸⁷. Nem sempre os anúncios trazem tantos detalhes como este, em que é possível saber quem é o proprietário dos livros e onde vivia, bem como tecer conjecturas sobre sua condição familiar – provavelmente casado e com filho, uma vez que foram colocados à venda objetos de “senhora” e de “menino”. Pode-se supor também que ele tivesse relação estreita com o mundo da escrita, já que possuía não apenas um bom conjunto de livros, mas também uma “mesa de escrever” e um curioso “lampeão de latão para ler”. O anúncio informa ainda que todos os objetos deveriam ser arrematados “sem a mais pequena reserva”, indicando que não haveria preço mínimo para compra, o que poderia tornar a aquisição dos livros e demais objetos uma verdadeira pechincha. Finalmente, a propaganda informa o motivo que levou o Sr. Andrié a desfazer-se de seus bens: sua “sahida para a Europa”.

Se nem todo anúncio alardeia o motivo do leilão ou sequer o nome do proprietário dos bens, em pouco mais de 32% dos casos é possível saber a quem pertenciam os objetos e, mais interessante, quem possuía livros. Infelizmente, apenas 35

⁸⁷ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*. 22 de Março de 1850, p. 3.

propagandas explicitam, a um só tempo, o nome do proprietário e alguns dos títulos que compunham sua biblioteca. Mesmo assim, é possível obter importantes informações por meio da análise desses dados.⁸⁸

Os proprietários tinham ocupações diversas e vinham de diferentes localidades: havia oito brasileiros, seis franceses, um belga, um alemão, um austríaco, um português e um suíço, além de 16 outras pessoas cuja nacionalidade não foi possível identificar com precisão.

Vê-se que predominam os estrangeiros, o que, de certa forma, explica a forte presença das viagens à Europa como motivo para a realização dos leilões. A procedência destes proprietários talvez ajude a compreender outro dado relevante: a preponderância das obras em línguas estrangeiras nos anúncios (Gráfico 04). Se é possível supor que os estrangeiros gostassem de ter consigo livros em suas línguas pátrias, os dados mostram, também, o caráter plurilíngue das coleções de livros e, por conseguinte, das obras em circulação no Rio de Janeiro. Enquanto seus proprietários residiam na cidade, poderiam emprestar seus livros ou simplesmente mostrá-los a conhecidos, agindo como mediadores culturais. Mas ao leiloar sua biblioteca eles realmente interferiam na paisagem cultural da cidade, dispersando por ela os livros que, uma vez, compuseram sua estante de leituras.

As investigações revelaram também que, entre os donos de bibliotecas, havia dez comerciantes, três políticos, três médicos e três advogados, dois empresários e dois artistas plásticos, um cônsul, um engenheiro, um cônego, um ministro protestante, um literato e um diplomata, além de seis indivíduos cuja ocupação não pôde ser determinada. Embora a identificação das profissões permitisse situar os proprietários nos estratos médios, os próprios anúncios trazem informações que fazem conhecer melhor o perfil socioeconômico dos proprietários. A maior parte deles parece possuir poder aquisitivo elevado, pois dispunham de bens de valor como móveis de luxo, joias, imóveis, obras de arte etc. Grande parte desempenhava ocupações de destaque, o que fica evidente pelo uso de pronomes de tratamento como “Illm.” (Ilustríssimo), “Exm.” (Excelentíssimo), “Sr.” (Senhor) e outros largamente utilizados nos anúncios

⁸⁸ Para fazer o levantamento do perfil dos proprietários foram consultados o *Diccionario bibliographico portuguez* de Innocencio Francisco da Silva (1837 – 1868) e o *Diccionario bibliographico brasileiro* de Sacramento Blake (1883 – 1902), bem como a ferramenta de pesquisa por palavras disponibilizada pela Hemeroteca Digital Brasileira (<http://hemerotecadigital.bn.br/>), que permite fazer uma varredura, a partir de palavras-chave, em centenas de periódicos digitalizados. Inserindo-se o nome dos proprietários, é possível localizar todas as referências a eles em milhares de páginas de jornais, levando, muitas vezes, a importantes informações sobre sua biografia e atuação social.

antecedendo os nomes dos donos dos livros. Alguns nomes bastante conhecidos estão presentes nos anúncios, como Paulino José Soares de Sousa, o Visconde do Uruguai; o conselheiro de Estado e senador Francisco de Salles Torres Homem; e Bento da Silva Lisboa, o 2º Barão de Cairu. Se alguns dos proprietários eram homens ilustres, local ou nacionalmente, citar seus nomes seria mais uma maneira de valorizar os itens à venda, que seriam produtos “de gosto”, levando-se em consideração a pessoa que os possuía, como sugere a propaganda do leilão da livraria pertencente aos dois barões de Cairu: “o nome dos Exms. finados dispensa qualquer elogio, que se fizesse a respeito da livraria que SS. Ex. organizarão”⁸⁹.

A confortável condição econômica destes proprietários transparece, também, na materialidade das publicações que compunham suas bibliotecas. Livros ricamente adornados, ilustrados, encadernados em Paris etc. foram regularmente destacados, assim como os livros raros, também constantemente evidenciados. O destaque dado à materialidade dos impressos mostra, como foi indicado em outras pesquisas⁹⁰, que boa parte dos leitores não se preocupava unicamente com o conteúdo das obras, valorizando também elementos como qualidade do papel, encadernação, presença de ilustrações e ornamentos. Esses elementos eram de interesse geral e compareciam em anúncios de livros vendidos nos mais diversos estabelecimentos, assim como nos leilões, que, em alguns casos, pareciam ser especialmente atraentes para bibliófilos. Este deve ter sido o caso da biblioteca do Visconde do Uruguai, posta em leilão por duas vezes – a primeira quando se transferiu para a Europa e a segunda quando faleceu. Em um dos anúncios, o leiloeiro advertiu que o evento seria proveitoso aos “livreiros e bibliófilos”,⁹¹ fazendo-nos supor que seriam vendidas obras raras e luxuosas, que interessariam colecionadores.

Outros anúncios revelam a heterogeneidade dos acervos. Em uma mesma biblioteca era comum encontrar livros de vários temas, como na biblioteca do advogado e jurista Sr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros, anunciada em leilão no dia 29 de Novembro de 1860, poucos meses após seu falecimento. No montante de livros encontram-se obras de direito, gramáticas e filosofia, como seria esperado em uma biblioteca de um advogado, ao lado de livros de medicina, história, biografias e romances, deixando claro o caráter amplo da formação e dos interesses de um letrado oitocentista, muito distinto da especialização que se impôs ao longo do século XX – fato

⁸⁹ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*, 01 de fevereiro de 1865, p.3.

⁹⁰ SILVA, 2008.

⁹¹ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*. 22 de fevereiro de 1855, p. 3.

já observado por diversos pesquisadores, como Berenice Cavalcanti, em seu estudo sobre as leituras realizadas por José Bonifácio⁹².

Se já era esperado encontrar publicações de natureza diversa em bibliotecas de homens bem colocados na sociedade, é surpreendente perceber que a maioria deles – 20 dos 35 casos examinados – guardava romances em seus acervos. Foram encontrados romances nas bibliotecas de proprietários com ocupações tão diversas como senador, médico, boticário, visconde, cônsul, engenheiro, empresário, dono de armazém, advogado, comerciante e diplomata.

Em meados do século XIX, o gênero romanesco ainda não havia sido reconhecido como uma das formas elevadas de produção literária – basta saber que o professor e crítico literário Cônio Fernandes Pinheiro o considerava um “alimento de fácil digestão proporcionado a estômagos fracos”⁹³. Um dos motivos frequentemente evocados para desvalorizar esse tipo de narrativa ficcional era sua associação a públicos amplos e poucos instruídos, entre os quais predominariam as mulheres, os jovens e os trabalhadores pouco especializados⁹⁴. Percebido como produção realizada em massa para mero entretenimento de pessoas pouco instruídas, o romance tardou a ser incorporado aos gêneros literários respeitáveis⁹⁵.

Entretanto, os anúncios de leilão revelam que homens bem postos na sociedade também apreciavam romances ou, ao menos, os guardavam em suas bibliotecas. Por exemplo, o “Illm. Sr. Ferdinand Smith, consul geral da Austria”⁹⁶, que, ao se retirar para a Europa em 1856, deixou no Rio de Janeiro nada além de livros para leilão, tinha em seu acervo as obras completas Lamartine e Chateaubriand (que incluíam romances), “ECHO de Feuilletons” (periódico especializado na publicação de prosa ficcional extraída de jornais contemporâneos), bem como “uma grande quantidade de obras escolhidas dos melhores autores francezes, inglezes, allemães e **mais de 300 romances francezes**”⁹⁷. Nada sabemos sobre a atuação deste agente diplomático no Brasil, mas ele certamente operou como um difusor de romances. Poucas bibliotecas particulares continham tal quantidade de obras ficcionais, sobre as quais ele (ou pessoas de sua família) deveriam

⁹² CAVALCANTI, 2000, p.236.

⁹³ 1855, p. 17.

⁹⁴ LYONS, 2001.

⁹⁵ SILVA, 2009.

⁹⁶ O *Almanak administrativo, mercantil e industrial* do ano de 1871 na página 167 cita que Fernando Schmid é “Cavaleiro da Imperial Ordem Austriaca da Corôa de Ferro”. E o *Diário do Rio de Janeiro* do dia 15 de janeiro de 1869 se refere a ele como “cavalheiro de mui distintas qualidades” que exercia seu cargo de consul-geral “dignamente”.

⁹⁷ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*. 31 de janeiro de 1856, p. 3. Grifo nosso.

tecer comentários enquanto viveram na cidade. Ao partir, colocou em circulação um volume impressionante de títulos que, certamente, alterou as possibilidades de acesso à ficção no Rio de Janeiro.

Outro agente diplomático, que esteve no Brasil 10 anos depois, também parecia apreciar os romances. Diferentemente de seu colega austríaco, que tinha especial interesse por romances franceses, este diplomata deixou para leilão obras de autores de diferentes nacionalidades como o inglês Dickens, o francês Dumas, o alemão Goethe e o italiano Manzoni. Curiosamente, o único romancista brasileiro mencionado em um leilão em todo o período fazia parte de sua biblioteca, na qual constavam obras do hoje esquecido Teixeira e Souza.⁹⁸

Os romances podiam aproximar pessoas muito distantes na escala social, pois escritos de autores de sucesso estavam presentes tanto nas bibliotecas de altos funcionários do corpo diplomático como na coleção de livros do serralheiro francês Pedro (provavelmente Pierre) Echalié, que colocou em leilão artigos modestos como “remédios”, “alfinetes”, “vasos”, juntamente com uma “prateleira para livros”, onde possivelmente guardava pouco mais de uma dezena de obras postas em leilão, entre as quais obras de Alexandre Dumas, George Sand, Honoré de Balzac, Frédéric Soulié e Paul de Kock.⁹⁹ Da mesma forma, havia romances tanto entre os livros do Visconde do Uruguai quanto entre os objetos postos em leilão pelo proprietário de uma “loja falida”, o que mostra que a associação comumente feita nos estudos literários entre leitores pouco instruídos e romances não se sustenta diante dos fatos, até mesmo quando se trata de romances populares como os escritos por Alexandre Dumas, Eugène Sue ou Paul de Kock.

⁹⁸ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*. 26 de maio de 1866, p. 4.

⁹⁹ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*. 15 de Junho de 1856, p.2.

Capítulo 4. Os romances anunciados em leilão no *Correio Mercantil*.

Pode-se dizer que de maneira geral, as obras em prosa ficcional pululavam nos anúncios de leilões de livros. Em retrospecto, salienta-se a presença pungente dos “Romances” e “Novelas”, bem como da rubrica “Literatura”, que ocupam respectivamente a 7ª, 10ª e 2ª posição na tabela de temas e gêneros (Tabela 02). Nota-se também que ao menos 20 proprietários dos 35 analisados mantinham romances dentre as obras que compunham seus acervos. Observando as tabelas de títulos mais anunciados (Tabela 03) e autores mais referidos (Tabela 04), os romancistas estão novamente entre os mais citados, ocupando posições de destaque principalmente entre os autores mais alardeados nas propagandas.

Além dos romances e romancistas listados nas Tabelas 03 e 04, outras obras em prosa ficcional e outros autores do gênero romanescos também foram citados nos anúncios, porém, com menor frequência. Para analisar a presença dos romances, faz-se necessário levar em consideração todos os títulos e todos os autores do gênero em questão, como se vê na Tabela 06:

Ano em que as obras foram anunciadas em leilão no <i>Correio Mercantil</i>	Título da obra	Autor
1849	Mysterios de Paris	Eugène Sue
1850	Bacharel de Salamanca	Alain Lesage
1850	Os Battuecas	Félicité de Genlis
1850	Os Martyres	Chateaubriand
1850	Aventures de Nigel	Walter Scott
1850	Histoire de Gil Blas de Santillane	Alain Lesage
1850	D. Quichotte	Miguel de Cervantes
1851	Mil e uma noites	Antoine Galland
1851	Dom Quixote	Miguel de Cervantes
1852	Julie ou la Nouvelle Heloise	Jean-jacques Rousseau
1852	Dom Quixote	Miguel de Cervantes
1854	Ivanhoe	Walter Scott
1854	The Talisman	Walter Scott
1854	Conde Valmont	Abbé Gerard
1854	Grandeur et Décadence de Cesar Biroteau	Honoré de Balzac
1855	Les Mysteres de Paris	Engène Sue
1855	Les Trois Mousquetaires	Alexander Dumas
1855	Le Juif Errant	Engène Sue
1855	Les Mysteres de Paris	Engène Sue

1855	Dom Quixote	Miguel de Cervantes
1855	David Copperfield	Charles Dickens
1855	Voyage de Gulliver	Jonathan Swift
1856	L'ami des enfants	Arnaud Berquin
1856	Os Martyres ou o triumpho da religião	Chateaubriand
1857	Le comte de Monte Cristo	Alexander Dumas
1857	O Judeu Errante	Eugène Sue
1857	Mysterios de Paris	Eugène Sue
1858	Luiz XIV e seu século	Alexander Dumas

Tabela 06: Títulos de prosa ficcional anunciados em leilão no *Correio Mercantil*. Fonte: *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal (1848-1868)*.

Observando os anos dos anúncios, percebe-se que as referências restringem-se, salvo uma citação, à década de 1850. Nestes dez anos houve o apogeu dos anúncios de leilões de livros no *Correio Mercantil* (Tabela 01), o que explicaria, pela grande quantidade de anúncios, a presença de propagandas mais descritivas que incluiriam, assim, até mesmo títulos de obras.

Em se tratando dos autores ali manifestos, percebe-se a presença de 14 nomes, dos quais dez são franceses, três ingleses e somente um espanhol, indicando a predominância de autores franceses em relação aos títulos de romances. O francês Eugène Sue desponta com seis anúncios de romances na tabela, seguido por Miguel de Cervantes com quatro referências a *Dom Quixote/Don Quichotte*, Walter Scott e Alexandre Dumas com três referências cada um e René Chateaubriand e Alain Lesage obtiveram duas referências cada. Os outros oito romancistas só tiveram um título citado nos anúncios.

Restringindo-se às obras elencadas, nota-se 19 títulos diferentes, mas somente quatro com mais do que uma citação: *Les Martyrs* de François-René de Chateaubriand (2 citações), *Le Juif Errant* de Eugène Sue (2), *El Ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha* de Miguel de Carvantes (4) e *Les Mystères de Paris* de Eugène Sue (4). A primeira vista nos parece diminuta a quantidade de referências a títulos, no entanto, não era comum indicá-los, mesmo quando não se tratava de romances, de modo que *Dom Quixote* e *Les Mysteres de Paris*, mesmo com apenas quatro citações, foram respectivamente o 11º e o 10º títulos mais mencionados em leilão como apontou a Tabela 03.

Chama atenção na Tabela 06 a proporção entre traduções e romances em língua original. Dos 28 livros elencados, 17 são traduções, nove estão em língua original e dois são títulos que podem ser tanto traduções quanto originais (*Ivanhoe* e *David*

Copperfield). Ter esses dados em mente é importante por duas razões: primeiramente, observa-se que além da predominância francesa em relação aos autores, essa vantagem mostra-se presente em relação aos títulos também, uma vez que das nove obras em língua original, somente uma não é francesa (*The Talisman*) e, ainda, duas traduções são de romances originalmente ingleses vertidos ao francês (*Aventures de Nigel* e *Voyage de Gulliver*) e registra-se também uma versão francesa do *Don Quijote* (*D. Quichotte*); em segundo lugar, nos chama atenção o fato de que mesmo a tradução em língua portuguesa ser um rito de passagem importante para a difusão dos romances no Brasil¹⁰⁰, 35% dos títulos da Tabela 06 não foram traduzidos.

Cotejando a tabela de títulos de romances (Tabela 06) com a tabela de autores mais citados (Tabela 04), e extraindo desta última os autores de prosa ficcional, podemos estabelecer qual a atualidade dos escritores e textos do gênero romanesco mencionados nos anúncios de leilões de livros. Unindo os romancistas da Tabelas 04 e os títulos da Tabela 06, tem-se especificamente 20 obras¹⁰¹ e 22 escritores¹⁰². Observando a lista de autores, nota-se que há velhos escritores, seis deles morreram antes do século XIX, e apenas 10 estavam vivos em 1848 quando se iniciaram os anúncios de leilões no *Correio Mercantil*. Atentando-se à primeira publicação das obras da Tabela 06, percebe-se que salvo um livro, todos os outros são anteriores a 1848, um deles é do século XVII, sete são do XVIII e os outros 12 registros são da primeira metade do XIX. *A priori* estes dados indicam que os acervos em leilão não eram compostos especificamente de “novidades”. No entanto, nada impede que os livros fossem novas edições ou traduções recém-saídas dos prelos. Lançando mão do

¹⁰⁰ .ABREU, 2013; MOLLIER, 2015; MODENEZ, 2013.

¹⁰¹ Originalmente publicadas em: *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha* (1605-15); *Les Mille et Une Nuits* (1704-1717); *Histoire de Gil Blas de Santillane* (1715); *Gulliver's Travels* (1726); *Le Bachelier de Salamanque* (1736); *Julie ou la Nouvelle Heloise* (1761); *Le Comte de Valmont* (1774); *L'ami des enfants* (1782); *Les Martyrs* (1809); *Les Battuecas* (1816); *Ivanhoe* (1820); *The Fortunes of Nigel* (1822); *The Talisman* (1825); *Grandeur et Décadence de Cesar Birotteau* (1838); *Les Mystères de Paris* (1842); *Le Juif Errant* (1844); *Les Trois Mousquetaires* (1844); *Le comte de Monte Cristo* (1844); *Louis XIV et son Siècle* (1844); *The Personal History, Adventures, Experience and Observation of David Copperfield the Younger of Blundeston Rookery* (1849).

¹⁰² Para estabelecer o período de vida dos autores, utilizamos a Gallica da Bibliothèque Nationale de France: Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616); Antoine Galland (1646-1715); Jonathan Swift (1667-1745); Alain-René Lesage (1668-1747); Voltaire (1694-1778); Jean-Jacques Rousseau (1712-1778); Philippe-Louis Gérard (1737-1813); Stéphanie-Félicité Du Crest Genlis (1746-1830); Arnaud Berquin (1747-1791); Germaine de Stael-Holstein (1766-1817); François-René de Chateaubriand (1768-1848); Walter Scott (1771-1832); Fenimore Cooper (1789-1851); Alphonse de Lamartine (1790-1869); Paul de Kock (1793-1871); Honoré de Balzac (1799-1850); Frédéric Soulié (1800-1847); Alexandre Dumas, pai (1802-1870); Victor Hugo (1802-1885); George Sand (1804-1876); Eugène Sue (1804-1857); Charles Dickens (1812-1870).

CITRIM¹⁰³, testamos tal hipótese, porém, os resultados não ampararam tal conjectura, pois somente *Histoire de Gil Blas de Santilhane*, anunciada em leilão em 1850, teve uma edição contemporânea, publicada em 1850, em Paris, pela editora G. Havard.

Diferentemente de anúncios de livreiros, que pipocavam nos jornais com a chamada de que havia “sahido à luz” uma determinada obra, a novidade não parecia ser o motor dos leilões de livros.

Para entender melhor os romances e romancistas postos em leilão, é fundamental compará-lo com outras formas de compra e venda de livros do mesmo período. Os leitores cariocas em meados do século XIX além de poderem arrematar alguns livros em leilão, poderiam ter acesso a boas obras comprando-as em alguma das livrarias presentes no mercado como, por exemplo, as famosas livrarias de Baptiste-Louis Garnier e Eduardo e Henrique Laemmert, bem como alugando ou emprestando livros em bibliotecas municipais ou gabinetes de leitura. Leiloeiros, livreiros e bibliotecários utilizavam-se largamente de anúncios em jornais ou catálogos para expor as obras à venda ou para consulta. Tais anúncios e catálogos são indícios preciosos das obras que estavam em circulação no Rio de Janeiro naquele período.

Por intermédio do CITRIM, foi possível comparar os livros leiloados com os disponíveis por outros meios. Procuramos os registros dos romancistas da Tabela 04 e dos títulos da Tabela 06 em anúncios de jornais cariocas (*Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Commercio*), catálogos de livreiros (B. L. Garnier, E. e H. Laemmert, Soares & Irmão, Cruz Coutinho) e catálogos de bibliotecas ou gabinetes (Biblioteca Municipal, Real Gabinete Português, Biblioteca Fluminense), todos compreendendo o período de 1848 e 1868. Os resultados estão apresentados nos Gráficos 04 e 05.

¹⁰³ O CITRIM é um banco de dados do projeto Circulação Transatlântica dos Impressos, no qual se arrolam as informações levantadas pelos pesquisadores do projeto temático. Inicialmente, as obras ganham registros aos quais vão se incorporando outras informações sobre as obras, mais especificamente de quais formas aqueles livros circularam (publicação, tradução ou adaptação) e quais indícios de que aquelas obras tenham circulado (anúncios em jornais, catálogos de livreiros, lista de censores, catálogos de bibliotecas, espetáculos, críticas, anúncios de leilões de livros etc.). Os dados ficam à disposição dos outros pesquisadores, que podem utilizar ferramentas de buscas dentro do banco ou até mesmo cruzar as informações que desejarem.

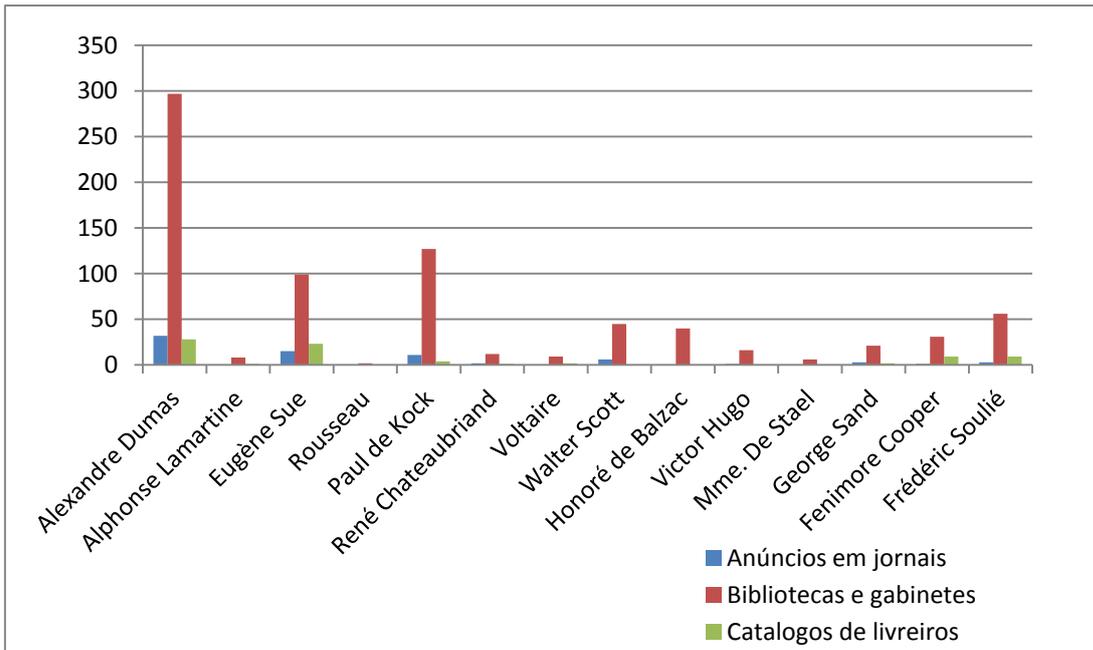


Gráfico 04: Quantidade de romances por autores encontrados em três indícios de circulação de obras. (1848-1868). Fonte: CITRIM – Banco de Dados do Projeto Circulação Transatlântica dos Impressos.

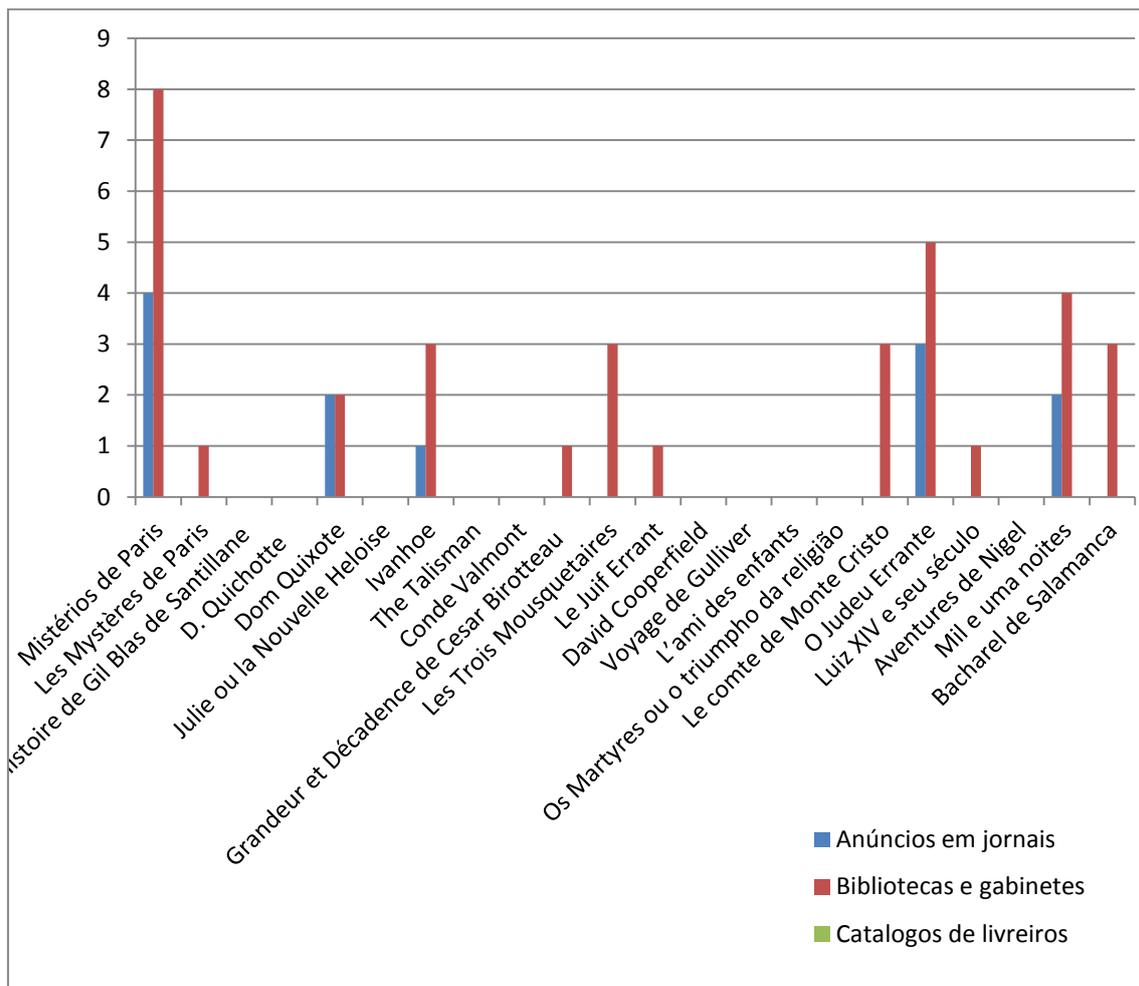


Gráfico 05: Títulos em prosa ficcional citados em anúncios de leilão no *Correio Mercantil* encontrados em três indícios de circulação de obras. (1848-1868). Fonte: CITRIM – Banco de Dados do Projeto Circulação Transatlântica dos Impressos.

Alexandre Dumas, Eugène Sue e Paul de Kock se destacam na tabela de autores mais anunciados em leilão (Tabela 04), no entanto, o último não registra nenhum título seu na lista de títulos em prosa ficcional anunciados em pregão (Tabela 06), diferente de seus dois predecessores, cujas obras são basicamente as únicas citadas. Segundo Judith Lyon-Caen, o romance folhetim e as formas editoriais menos onerosas levam alguns romances, sobretudo de Alexandre Dumas e Eugène Sue à condição de *best-sellers*¹⁰⁴. Alexandre Dumas é lido tanto na Europa¹⁰⁵ quanto em outros continentes¹⁰⁶ e Eugène Sue também¹⁰⁷.

O Gráfico 05 demonstra uma oposição entre romances traduzidos para o português e romances em língua estrangeira. Salvo *Os martyres ou o triumpho da religião*, todos os títulos vertidos na língua lusitana tiveram presença em outros indícios de circulação de impressos. Já as obras em francês ou inglês, excetuando-se os livros escritos pelos folhetinistas¹⁰⁸, tiveram presença nula nas outras fontes consultadas. O romance de Miguel de Cervantes ilustra bem essa tendência apresentada no gráfico, pois enquanto a tradução portuguesa, *Dom Quixote*, aparece em anúncios de jornais e em catálogos de bibliotecas e gabinetes, a versão francesa, *D. Quichotte*, manifesta-se apenas nos leilões.

Os Gráficos 04 e 05 indicam que os leilões estavam em maior consonância com as bibliotecas e gabinetes de leituras. Nos dois gráficos os escritores folhetinistas e suas obras se destacam em relação à maioria dos outros livros e autores, o que ressalta nossa tese inicial de que os leiloeiros anunciavam as obras que acreditariam atrair mais pessoas aos pregões, logo, os folhetinistas populares e suas produções ganham papel de destaque. No entanto, outra estratégia poderia ser utilizada pelos leiloeiros: propagandear livros de difícil acesso na capital imperial.

¹⁰⁴ LYON-CAEN, 2003, p.614.

¹⁰⁵ MORETTI, 2003.

¹⁰⁶ MOLLIER, 2015.

¹⁰⁷ MORETTI, 2003; SCHAPOCHNIK, 2010.

¹⁰⁸ *Les mystères de Paris* e *Le Juif Errant* de Eugène Sue, *Grandeur et Décadence de Cesar Birroteau* de Honoré de Balzac e *Les Trois Mosquetaire* e *Le comte de Monte Cristo* de Alexandre Dumas.

Julie ou la Nouvelle Heloise, publicado em 1761, foi o maior sucesso de vendas do século XVIII na França e editado 55 vezes entre 1816 e 1850¹⁰⁹. Contudo, a obra não parece ter tido grande relevância no Rio de Janeiro na primeira metade do oitocentos, provavelmente graças à censura que impedia a circulação do livro até o início do século e da sua tradução tardia ocorrida em 1837¹¹⁰. O romance epistolar de Rousseau poderia também ser encontrado junto com outras obras do autor, em coletâneas intituladas *Oeuvres de Rousseau (Obras de Rousseau)*, estas sim provavelmente mais populares que o próprio romance em si na primeira metade do século XIX no Rio de Janeiro, levando-se em conta o estudo de Debora Rocha, que analisou os pedidos de consulta de livros na Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro entre 1833 e 1856¹¹¹. *La Nouvelle Heloise*, original em francês, obteve somente um pedido de consulta entre 1833 e 1840¹¹², e três pedidos de sua versão traduzida entre 1849 e 1856¹¹³. Em contraponto, as *Obras de Rousseau* tiveram destaque notável no pedido dos consulentes, alcançando a 20ª posição de obras de Belas-Letras mais consultadas no período de 1833 e 1840¹¹⁴ e galgando patamares mais altos entre 1841 e 1848¹¹⁵ ocupando o 11º lugar dentre as obras de Belas-Letras mais citadas. No entanto, a obra não consta na listagem de pedidos entre 1849 e 1856.

Do mesmo modo que as *Obras de Rousseau* pareciam ser um dos livros prediletos dos usuários da Biblioteca Pública da capital imperial na primeira metade do século XIX, as *Obras de Voltaire* eram ainda mais solicitadas, gozando da 10ª posição entre as obras de Belas-Letras mais citadas entre 1833 e 1840¹¹⁶ e caindo para a 17ª entre 1841 e 1848¹¹⁷. Do mesmo modo que as *Obras de Rousseau*, a congênere de Voltaire também não registrou leitores entre 1849 e 1856. Se as coletâneas de textos de Rousseau e Voltaire parecem ter tido bom reconhecimento pelos leitores ao menos até 1848, as *Obras de Chateaubriand* foram um verdadeiro sucesso de leitores até 1856, sendo a obra mais consultada entre as de Belas-Letras entre 1841 e 1856¹¹⁸.

¹⁰⁹ LYONS *apud* ABREU, 2013, p.22.

¹¹⁰ ABREU, 2013, p.22

¹¹¹ ROCHA, Débora Cristina Bondance. Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro – um ambiente para leitores e leituras de romances (1833-1856). Campinas: Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2011.

¹¹² ROCHA, 2011, p.176.

¹¹³ *Op. cit.*, p.288.

¹¹⁴ *Op. cit.*, p.176.

¹¹⁵ *Op. cit.*, p.242.

¹¹⁶ *Op. cit.*, p.174-5.

¹¹⁷ *Op. cit.*, p.242.

¹¹⁸ *Op. cit.*, p.93 e 285.

Os dados apresentados nos Gráficos 04 e 05 parecem apontar para duas estratégias de venda: a atração pelo sucesso e pela raridade.

Visando granjear a maior quantidade de público ao leilão, os pregoeiros anunciavam no *Correio Mercantil* escritores populares, principalmente os folhetinistas Alexandre Dumas, Eugène Sue, Paul de Kock e Frédéric Soulié, não satisfeitos, por vezes delimitavam até mesmo as obras desses autores visando atrair leitores já fígados pelo gênero folhetinesco nomeando nos anúncios, por exemplo, obras como *O Judeu Errante*, *Os Misterios de Paris*, *Le comte de Monte Cristo*. Além dos folhetinistas, duas traduções de obras muito conhecidas publicadas em séculos anteriores também se destacaram nos gráficos, *Dom Quixote* e *Mil e uma noites*. *Dom Quixote* segundo Franco Moretti é o primeiro *best-seller* europeu¹¹⁹, esteve sempre entre as obras mais preferidas de público em Lisboa e no Rio de Janeiro entre o fim do século XVIII e começo do XIX¹²⁰, teve seis edições na França na primeira metade do século XIX¹²¹ e foi o 5º romance mais procurado na Biblioteca Nacional e Pública entre 1841 e 1848¹²². *As mil e uma noites*, como o romance de Cervantes, também parecia na época desfrutar de reconhecimento internacional há algum tempo, pois o romance também consta como segundo mais referido na censura portuguesa entre 1808 e 1822¹²³; em terras francesas obteve a tiragem de 50,500 exemplares entre 1836 e 1850¹²⁴; foi o romance mais procurado na Biblioteca Nacional e Pública entre os anos de 1833 e 1840 e o quarto mais requisitado na mesma instituição no período de 1841 e 1848. Provavelmente, a estratégia dos leiloeiros nesses dois casos seja análoga à tática executada em relação aos folhetins, são obras conhecidas e supostamente desejadas pelo público leitor.

No entanto, o que mais nos chama atenção nos dois gráficos é, excetuando os escritores folhetinistas mais populares, a sincronia de indícios de circulação somente com as bibliotecas e gabinetes. Tal fato nos torna propensos a acreditar que os leilões serviam de ocasiões para arrematar obras em edições específicas que não se encontravam disponíveis à venda em outras formas de comércio livreiro. Os vários leitores que se serviam das *Obras de Chateaubriand* na Biblioteca Nacional e Pública poderiam comprá-lo nos leilões, ou os leitores das obras de Rousseau e de Voltaire, cujo interesse dos leitores da biblioteca analisada por Debora Rocha havia se mantido firme

¹¹⁹ MORETTI, 2003, p.182.

¹²⁰ ABREU, 2013, p.16.

¹²¹ LYONS *apud* MODENEZ, 2013, p.29-30.

¹²² ABREU *apud* Rocha, 2013, p.18.

¹²³ ABREU, 2013, p.16.

¹²⁴ ABREU *apud* LYONS, 2013, p.21.

até a metade do século, ainda desejosos por tais textos, também poderiam comprá-los em hasta pública. Obras específicas conhecidas há muito tempo pelo público carioca também poderiam ser encontradas em leilão, porém em edições de difícil acesso na praça. A história de Gil Blas esteve sempre entre os três livros mais solicitados à censura lisboeta e carioca do fim do século XVIII e início do XIX¹²⁵, obteve 20 edições na França na primeira metade do XIX¹²⁶, foi amplamente anunciado no *Jornal do Commercio* na primeira metade do novecentos¹²⁷ e despontou nas duas primeiras posições dos romances mais procurados na Biblioteca Nacional e Pública entre 1833 e 1856¹²⁸. *As viagens de Gulliver* também tiveram presença nos anúncios de jornais, catálogos de livreiros e bibliotecas¹²⁹, como foi dito anteriormente da *Nouvelle Heloise* de Rousseau. O que *Gil Blas*, *Voyage de Gulliver*, *D. Quichotte*, *Nouvelle Heloise* e possivelmente *The Talisman*, têm em comum é que são provavelmente livros conhecidos dos cariocas, cujas traduções para o português circulavam e estavam à venda na capital, mas nos anúncios de leilões estão em língua estrangeira, o que explica a ausência de outros indícios dessas obras no período e as tornam valiosas para prováveis estrangeiros que gostariam de ler em suas línguas nativas e não conseguiam tais livros no Rio de Janeiro. Ou seja, eram artigos especiais. Assim, obras conhecidas e apreciadas nos gabinetes de leitura, mas que pareciam não ser encontradas à venda, parecem ser um filão de mercado que despertou o interesse dos leiloeiros.

¹²⁵ *Op. cit.*

¹²⁶ MODENEZ *apud* LYONS, 2013, p.31.

¹²⁷ MANÇANO, 2010, p.71.

¹²⁸ MARCIA *apud* ROCHA, 2013, p.18.

¹²⁹ O CITRIM registra 8 anúncios da tradução *Viagens de Gulliver* entre 1828 e 1848, a tradução aparece novamente no catálogo do Gabinete Portuguez de Leitura de 1858 e no Catálogo da Biblioteca Fluminense de 1866 e em um catálogo da livraria Garnier de 1860.

Conclusão

Como vimos, os anúncios eram comuns na coluna destinada aos leilões no jornal *Correio Mercantil* e este, por sua vez, era um dos jornais mais conhecidos e provavelmente um dos que mais circulou na capital imperial em meados do século. Tal fato nos permite asseverar que os leilões de livros, por presença constante, eram comuns no período, sendo uma fonte importante de compra e venda de livros entre 1848 e 1868.

Os livros, em geral, acompanhavam lotes de bens à venda, indicando, desse modo, que os proprietários não tinham desapego especial em relação aos seus livros. Observando os motivos aventados nos anúncios, percebe-se que os proprietários eram levados a se livrarem de seu acervo, seja porque estavam de mudança de endereço ou para angariar fundos.

As obras postas em leilão englobavam vários campos de conhecimento e gêneros de escrita, bem como oito línguas diferentes, o que indica a pluralidade de saberes postos em circulação por intermédio das vendas em hasta pública e a heterogeneidade dos acervos particulares em meados do XIX no Rio de Janeiro. Mesmo com a multiplicidade de temas e gêneros, a Literatura se destacou em relação às outras rubricas registradas e os romancistas e romances mostraram-se particularmente relevantes.

Os agentes de leilões estrangeiros dominaram o comércio leiloeiro até a metade do século e tiveram influência considerável até, ao menos, a década de 1860. A perpetuação de estrangeiros dava-se por intermédio de trocas da licença de leiloeiro na praça do comércio que normalmente passavam das mãos de um estrangeiro ao outro, até a metade do século quando os brasileiros também entraram no comércio e deixaram o mercado mais competitivo.

O perfil socioeconômico dos proprietários, por sua vez, mostrou-se elevado. Eles eram homens, em sua maioria estrangeiros, e tinham ocupações profissionais de prestígio, até mesmo em âmbito nacional. Os livros postos em pregão estavam espalhados por diferentes espectros sociais, estando presentes tanto em casas de nobres, como o Visconde do Uruguai, até na de um simples dono de uma loja falida. Como indicou o anúncio do leilão dos livros do falecido engenheiro civil Jeanne, havia bibliotecas que “contém as obras próprias para qualquer pessoa, seja qual for sua posição na sociedade.”¹³⁰. Os acervos estudados denotam em parte a preocupação

¹³⁰ *Correio Mercantil, e Instrutivo, Político, Universal*, 30 de março de 1858, p.3.

profissional, mas apontam também uma predileção pela Literatura, especialmente romances. A pesquisa mostrou também que os romances estavam presentes em grande parte das bibliotecas analisadas, indicando que homens bens postos socialmente também apreciavam romances ou pelo menos optaram por tê-los em suas bibliotecas. Este fato é digno de nota, dado que o gênero romanesco era tido ao menos até meados do século XIX como leitura desvalorizada, para públicos amplos, mulheres, jovens e trabalhadores não qualificados, cuja incorporação e aceitabilidade nos círculos literários mais especializados ocorreram de forma tardia no XIX¹³¹. Segundo Valéria Augusti, as antologias e Histórias Literárias que vieram à luz entre 1830 e 1850, arrastando-se até a década de 1860, não incorporaram o romance em seu *corpus* literário, acreditando que o gênero agradava a leitores “desprovidos de educação necessária para julgar a qualidade do que lhes caía em mãos”¹³². Partindo do pressuposto de que “uma biblioteca não é somente um somatório de livros”, mas objeto de valor que demonstra certa preferência dos proprietários¹³³, alguns dados dos leilões chamam atenção. Questiona-se, por exemplo, se realmente o Visconde de Uruguai, que possuía obras completas de Victor Hugo em seu acervo¹³⁴, ou Ferdinand Smith, cônsul geral da Áustria, que dispunha de 300 romances em sua biblioteca¹³⁵, eram, como pressupunha a crítica erudita do período, pessoas “desprovidas de educação” que não sabiam a qualidade do gênero que “lhes caía em mãos”.

Os leiloeiros eram os cérebros por trás dos anúncios, responsáveis por moldá-los ao seu gosto, ou melhor, fazendo uma projeção do gosto do público. Nas propagandas de leilões, onde nada parece ser fortuito, a vontade dos pregoeiros se materializa em forma de tinta. São delimitados, por vezes, o público a que as obras se destinam, elementos como o títulos e subtítulos em latim são abusivamente utilizados para realçar bibliotecas clássicas, os livros em leilão são frequentemente elogiados indicando serem frutos de recolha e bom gosto no qual o anúncio destaca, geralmente, os mais afamados e célebres. Assim, os agentes de leilões na labuta da construção do anúncio perfeito, visando atrair compradores, listavam títulos e nomes de escritores, principalmente escritores de narrativas ficcionais. Esses também não eram resultado de escolhas ao acaso, pois uma lógica parecia se apossar das propagandas que citavam obras e/ou

¹³¹ SILVA, 2009.

¹³² AUGUSTI, 2008, p.395.

¹³³ BESSONE, 2007, p.29.

¹³⁴ Correio Mercantil, e Instrutivo, Politico e Universal. 22 de fevereiro de 1855.

¹³⁵ Correio Mercantil, e Instrutivo, Politico e Universal. 31 de janeiro de 1856.

autores: anunciavam-se autores/obras populares do período e escritores/obras que tiveram sucesso e não eram mais de fácil acesso na cidade. Assim, desse modo, os leiloeiros utilizavam uma tática certa e podem ter atraído um amplo espectro de clientes, desde aqueles afoitos por traduções e romances conhecidos do momento, bem como ganhavam aqueles leitores desejosos de literatura já não disponível, assim como estrangeiros ou pessoas de alta instrução que cobiçavam livros escritos em outras línguas que não a lusitana.

Os leilões de livros ampliaram e complexificaram as formas de acesso aos impressos no Rio de Janeiro em meados do século XIX. Para além dos títulos disponíveis em livrarias e bibliotecas da cidade, eles colocaram em circulação centenas de publicações, algumas vezes raras e luxuosas, outras vezes simples e baratas.

Finalmente, os livros vendidos *a tiro de martelo* chamam atenção para um aspecto praticamente ignorado pelas histórias da literatura, forçando-nos a ver que a literatura, além de ser uma sofisticada forma de trabalho com a linguagem e com a imaginação, é também uma mercadoria, que movimentava um animado mercado financeiro, por meio do qual leiloeiros, editores, livreiros e escritores ganham dinheiro, quando um livro sai das prateleiras e chega às mãos de um leitor.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Márcia. Problemas de história literária e interpretação de romances. In: *Todas as Letras – revista de língua e literatura*. São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, v. 16, n. 2, p. 39-52, nov. 2014, pp. 39 – 52 .
- _____. Conectados pela ficção: circulação e leitura de romances entre a Europa e o Brasil. In: *O Eixo e a Roda: revista de literatura brasileira*. Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, 2013, pp. 15-40.
- _____. *Os Caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2003.
- _____. *Cultura Letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.
- _____. A Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX. In: *Livro - revista do núcleo de estudos do livro e da edição*. Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo. 2011, pp. 115-130.
- ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- _____. (org.) *Leituras no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- _____. (org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2000.
- ALMEIDA, Leandro Thomaz de. Recepção crítica da prosa ficcional de Joaquim Manuel de Macedo. In: ABREU, Marcia. (Org.) *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p.375-392.
- AUGUSTI, Valéria. Do gosto inculto à apreciação douta: a consagração do romance no Brasil do oitocentos. In: ABREU, Marcia. (Org.) *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p.393-414.
- BESSONE, Tânia. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro: 1870-1920*. Rio de Janeiro, RJ: Arquivo Nacional, 1999. Cap1 p.54-80.
- _____. Bibliotecas de médicos e advogados do Rio de Janeiro: dever e lazer em um só lugar. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2000 p.313-333.
- _____. A biblioteca de Rui Barbosa no palácio dos livros. In: *Catálogo da biblioteca de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação casa de Rui Barbosa, 2007, p.28-46.

- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. 1ª edição 1883 – 1902.
- CAVALCANTI Berenice Oliveira. *Viagem Literária e Exploração Filosófica: notas sobre o diário de José Bonifácio*. In: ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2000 p.235-249.
- CHARTIER, Roger. *Histoire et littérature. Au bord de la falaise. L'histoire en certitude et inquietudes*. Paris, Albin Michel, 1998.
- _____. Crítica textual e história cultural – o texto e a voz, séculos XVI-XVII. In: *Leitura: teoria & prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- _____. *Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Regime*. Paris: Editions du Seuil, 1987.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura Para Quê?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- _____. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episodios da historia cultural francesa*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1986.
- FERNANDES, Caroline. *Profissionalização e especialização dos leilões de arte no Rio de Janeiro*. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, 2013.
- GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 1965.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: (sua historia)*. São Paulo, SP: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985.
- HEINEBERG, Ilana. *Miméticos, aclimatados e transformadores: trajetórias do romance-folhetim em diários fluminenses*. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetoórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- LYON-CAEN, Judith. *Histoire littéraire et histoire de la lecture*. PUF. *Revue d'histoire littéraire de la France*. 2003/3 – vol. 103, pag. 613-623.
- LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, G. e CHARTIER, R. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo, Ática, 2001.
- MALTA, Mariza. *Sumptuoso leilão de ricos móveis... Um estudo sobre o mobiliário das casas senhoriais oitocentistas no Rio de Janeiro por meio de leilões*. In:

- Mendonça, Isabel. Hélder Carita. Mariza Malta. (org). A casa senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: anatomia de interiores. Rio de Janeiro/Lisboa: IHA e EBA, 2014.
- MINDLIN, José. O bibliófilo e a leitura. In: ABREU, Márcia (org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil/FAPESP, 2000.
- MODENEZ, Júlio Cesar. *Por dentro dos livros: a presença de romances em catálogos de livreiros (1843-1865)*. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- MOLLIER, Jean-Yves. Histoire culturelle et histoire littéraire. *Revue d'histoire littéraire de la France*, Paris, v. 103, p. 597-612, jul./set. 2003.
- _____. Tradução e globalização da ficção: o exemplo de Alexandre Dumas Pai na América do Sul. *Revista Anpoll*, v.1 n.38, 3/10/2015.
- _____. *L'argent et les lettres: histoire du capitalisme d'édition, 1880-1920*. Paris: Fayard, 1988.
- MORETTI, Franco. *Atlas do Romance Europeu – 1800/1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- PINHEIRO, Cônego Fernandes. Reparos sobre um romance. *O Guanabara*, 1855, tomo III, p. 153 – 166.
- ROCHA, Débora Cristina Bondance. Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro – um ambiente para leitores e leituras de romances (1833-1856). Campinas: Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2011.
- SCHAPOCHNIK, Nelson . Edição, recepção e mobilidade do romance *Les mystères de Paris* no Brasil oitocentista. *Varia História* (UFMG. Impresso), v. 26, p. 591-617, 2010.
- SILVA, Hebe Cristina da. Teixeira e Sousa – a trajetória de um romancista brasileiro em busca de consagração. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- _____. *Prelúdio do romance brasileiro - Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais*. Tese de Doutorado em Teoria e História Literária Universidade Estadual de Campinas, 2009.

- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. História da leitura luso-brasileira: balanços e perspectivas. In: ABREU, Márcia (org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil/FAPESP, 2000.
- SILVA, Innocencio Francisco da et al. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1972. 1ª edição (1837 – 1868).
- SOUZA, Roberto Acízelo. *Introdução à historiografia da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2007.
- VILLALTA. Luiz Carlos. Os leitores e os usos dos livros na América Portuguesa. In: ABREU, Márcia (org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil/FAPESP, 2000.
- ZILBERMAN, Regina LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo, SP: Ática, 1996.

Referências Digitais

Almanak administrativo, mercantil e indústria, para o ano de 1871. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=b5MVAAAAYAAJ&pg=PA167&dq=Fernando+Schimid+consul+geral+da+Austria&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CDMQ6AEwAmoVChMI8orwo-LUyAIVCxGQCh3pngGk#v=onepage&q=Fernando%20Schimid%20consul%20geral%20da%20Austria&f=false> (último acesso em 01/11/2015)

Circulação Transatlântica de impressos. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=0&lang=pt>. (último acesso em 09/11/2015)

Gallica. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>. (último acesso em 09/11/2015)

Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: [Hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br). (último acesso em 09/11/2015)

MALTA, Mariza. *Sumptuoso leilão de ricos móveis... Um estudo sobre o mobiliário das casas senhoriais oitocentistas no Rio de Janeiro por meio de leilões*. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/acasasenhorial/artigospaginainicial/591/Tema4%20Malta.pdf>